

# PHE

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO Nº 7  
ANO 1  
OUTUBRO/2019





**Eduardo Mahon**  
Editor Geral

## EDITORIAL

**P**arece que o brado antropofágico de Oswald de Andrade não foi forte o suficiente para acabar com a literatura de salão, essa viscosa sensaboria que emula o passado. Os escritores menores, incapazes de inovar e parir uma obra de fôlego, sobrevivem da memória alheia e de macaquear o que os outros fizeram. O prestígio da tradição é manipulado sem cerimônia a fim de chancelar a obra presente. Como se identificam tais tipos? Elementar! Antes de abrir um livro ruim, é possível sabê-lo com dois dedos de prosa com o escritor. No papo, é possível ouvir as máximas da mediocridade: a literatura tem a função de... aí está a chave, ou melhor, o chavão. A frase será sempre completada com algum clichê. Em geral, a arte é usada como justificativa para alguma coisa – da mais pueril noção de beleza à tormentosa revolução social. Não importa qual seja a pauta que queiram empurrar goela abaixo da literatura, interessa apenas que um escritor ruim terá sempre uma boa justificativa para escrever mal.

Queremos dar o caminho das pedras. Um curso rápido para descobrir esses fanfarrões. Basta seguir as pistas deixadas aqui e ali. Acontece em todas as profissões: o enorme anel de rubi na mão direita do jurista, o estetoscópio enrolado no pescoço do médico, o capacete que abafa a cabeça do engenheiro, a constelação de estrelas nos ombros dos militares, enfim, o arsenal simbólico da autoridade. Pois são justamente os piores a exigir silêncio e reverência – “me chame de doutor” – pedem aos cerimoniais. É que, à mingua de talento, o argumento de autoridade é invocado como compensação. Por isso, os símbolos são tão caros ao escritor medíocre. Nas apresentações, o sapo apresenta um curriculum enorme, tão grande quanto desimportante. Repare bem: os adereços curriculares pesam nas orelhas dos livros. Medalhas e distinções de toda a ordem adornam a obra medíocre porque o

suporte simbólico é indispensável para granjear algum respeito. Quanto mais curriculum, menos talento. É batata!

No mais das vezes, é comum encontrar – logo abaixo do nome do escritor – a que instituição pertence. Eis aí o suprasumo da mediocridade. O sequestrador de símbolos chega a gritar – “Hei! Olhem pra mim! Faço parte dessa entidade. Portanto, devo ser respeitado”. O leitor atento e o crítico experimentado conseguem sacar esse botox editorial para turbinar um livro. A edição fica siliconada com apresentações, prefácios e posfácios, mas não engana ninguém. E não adianta mendigar comentários favoráveis – quem pauta o fazer artístico no moralismo ou no utilitarismo usa-se da justificativa ideológica para autoproclamar-se escritor. Os sapos de sempre continuam nas lagoas acadêmicas repetindo o monótono coaxar – Sou poeta! Sou poeta! Sou poeta! Não, caros leitores, a poesia nunca foi a praia dessa saparia.

É por isso que Oswald errou redondamente ao acreditar que o parnasianismo havia morrido com a Semana de 22. Ao contrário do que pensava o autor de Serafim Ponte Grande, o velho time das *les belles lettres* sobrevive do prestígio institucional que confere entidades literárias certificadoras. Pelos salões abarrotados de vazio, saraus de poemas desimportantes são organizados ao som do mal executado Chopin com a triste Waltz Op. 69. Não há ninguém ali que não seja espectro literário passado. Adeus! – é o que prometem os sapos a cada encontro. Mas persistem os rebuscados anfíbios a coaxar de uns para outros citações antigas e sem sentido, fazendo questão de exibir menções honrosas em colunas sociais. Até quando conviveremos com literatos sem livros? Até quando as letras carecerão de literatura? Até quando bula de remédio e manual previdenciário serão tomadas por literatura? Não há de ser nada. Cada edição da Revista Pixé vem temperada com sal a gosto. Os sapos que se cuidem!



## SUMÁRIO

2	Editorial
6	Aclyse Mattos
8	Adriano B. Espindola Santos
10	Amauri Lobo
12	André Siqueira
14	Caio Augusto Ribeiro
16	Cristina Campos
18	Evel Rocha
20	Henrique de Medeiros
22	Dante Gatto
24	Klaus Henrique Santos
26	Edson Flavio
28	Janet Zimmermann
30	Icleia Rodrigues de Lima
32	Lívia Bertges
34	<b>Bosquê</b>
38	Gabriel de Mattos
42	Lorenzo Falcão
44	Lucinda Nogueira Persona
46	Leni Zilioto
48	Leonardo Cattoni
50	Luciene Carvalho
52	Marli Walker
54	Rodrigo Meloni
56	Pablo Rezende
58	Paulo Sesar Pimentel
60	Rafael Morais
62	Rubenio Marcelo
64	Anna Maria Ribeiro Costa
66	Edital Prêmio Pixé de Literatura

## EXPEDIENTE

**Direção Geral e Edição:** Eduardo Mahon

**Colaboradores desta edição:** Aclyse Mattos, Adriano Espindola Santos, Amauri Lobo, André Siqueira, Anna Maria Ribeiro, Caio Ribeiro, Cristina Campos, Dante Gatto, Edson Flávio, Evel Rocha, Henrique de Medeiros, Icleia Rodrigues, Janet Zimmermann,

Klaus Henrique Santos, Leni Zilioto, Leonardo Cattoni, Lívia Bertges, Lorenzo Falcão, Luciene Carvalho, Lucinda Nogueira Persona, Marli Walker, Pablo Rezende, Paulo Sesar Pimentel, Rafael Morais, Rodrigo Meloni, Rubenio Marcelo.

**Projeto Gráfico/Diagramação:** Roseli Mendes Carnaíba

**Artista Visual Convidado:** Bosquê

## 3 HAI KAIS EM MATO GROSSO

I

Céu do pantanal  
lago invertido  
peixestrelas

II

Subitamente o ipê  
enche de luz  
a madrugada

III

Deliro  
lírios  
no rio

Poemas originalmente publicados no livro *Quem muito olha a lua fica louco*. Oficina mínima editora, 2000.



**Aclyse Mattos**

É escritor e poeta. Flor de metal foi escrita no Rio de Janeiro na época em que o Peça Original ensaiava na Ilha do Governador para tocar no Planetário e sobre a noite esfumaçada na Avenida Brasil a lua quicava sobre os prédios ao sabor das curvas. Livros recentes: O Sexofonista (contos), Sabiapoca (infantil) e Festa (poesia).





## OS ANIMAIS DA CASA AMARELA

Quando era pequeno, em idade de se entender alguma coisa, costumava tomar o rumo das formigas, das lagartixas, das moscas, dos calangos-dinossauros, até mesmo dos soins, com as tentativas desastradas de vingar muro afora.

Era doce ouvir, do pé da janela, cedo do dia, o chamado do chefe alertando aos demais os benefícios de passar na casa amarela. Um redemoinho animal se aglutinava, pois que, para completar, papai trabalhava no interior e chegava, quase sempre, com um bicho para completar o “zoológico” – palavra de mamãe, em sinal de reprovação e desânimo. Trazia, embaixo do braço, uma galinha pé-duro; outro dia, um capote; preás e codornas, várias, e, para isso, porque tínhamos de alimentá-las, uma ruma de frutas e cereais. Às vezes, o que não era difícil, punham-me no vagar, e perdia o horário da aula, ou me perdia em sala de aula, pensando nos filhotinhos: no que estava com a perna machucada, no que tinha um problema na pele, no carinho e no aconchego a me esperar.

O bando viçoso de soins se achegava e não havia algazarra, absolutamente – “mas que cousa!”, a face santa de meu avô estupefata denunciava o louvor. Primeiro descia o chefe, robusto, ditoso, pronto para revidar a um ataque, porventura, sorrateiro que viesse. Então, liberados, baixava um a um e abocanhava a sua porção farta na boca e nas bochechas, imensas, elásticas, com as quais eu ficava intrigado de não se partirem. Pegavam o que necessitavam, nem mais, nem menos – parece que lembrando dos outros, confinados entre os muros da casa amarela.

Caía absorto na contemplação. Era tido como abobalhado – “Ô menino besta!” –, mas não ligava muito, não. Só me encucavam os bodejos da dona Geraldina, enquanto lavava roupa no quintal, irreduzível: “Bicho quando presta pra dar trabalho a gente põe na panela!”, e emendava com um arro-

to, uma espécie de exclamação e de encerramento de papo. Ligeiramente acostumado com a aberração, preferia mesmo ficar com os meus préstimos de desbravador e de encantador de animais, e me esquecer da senhorita Porca.

Bom, de resto, porque ajudava vigorosamente a cuidar dos capotes, pombos, galinhas, codornas, peixes, cachorros, gatos e soins, tudo junto, me detinha a entender a pura forma do amor, muito mais singela que a dos humanos, que brigavam, traíam, gritavam; destruíam-se, ali, pertinho de mim.

A fêmea de soim, que eu chamava de Bolinha, agarrava firme o filhote que insistia em sair, para se aventurar entre os galhos secos. A gatinha Nana passava longas horas dormindo, e isso ela fazia bem, além do chamego matinal à procura de leite, enquanto os filhotes, de uma ninhada de oito, também o faziam grudados nas tetas, amassando pão, para se deliciarem do manjar primordial. A preá Gertrudes, uma *lady*, finíssima, conduzia, de focinho arrebitado, a fila indiana para o melhor esconderijo; mas, vez por outra, vinha “pedir a bênção”.

O mais notável dia, em que me senti pertencente ao mundo animal além dos limites da casa amarela, foi quando largaram, propositadamente, o cego Aderaldo, miúdo que só ele, um vem-vem de magro, coitado. Decerto, não podia mais seguir o bando de Lampião, aquele robusto chefe de que falei. Foi aí que dele cuidei até poder, de alguma forma, retomar a sua sina. Passaram-se exatas três semanas, quando a mãe, não suportando a dor da saudade – sim, todos sentimos saudade –, veio buscá-lo sozinha, aos gritos, e o afetuoso apego fez-se luz no fim da tarde de um domingo, no mês de dezembro de 1992, e transbordou pelos confins do meu coração. Foram-se embora para nunca mais, mas deixaram o mais precioso entendimento de proteção e de respeito, como tem de ser: que somos parte de um sistema; que renegar o amor e a vida é antinatural, é o decreto do fim.



**Adriano B. Espíndola Santos**

Natural de Fortaleza, Ceará. Autor do livro **Flor no caos**, pela Desconcertos Editora, 2018. Advogado humanista. Mestre em Direito. É dor e amor; e o que puder ser para se sentir vivo: o coração inquieto.

## PÊNULO ARREDIO

Assinado Meu tratado de loucura  
Eu me acho no direito  
De ser livre o quanto quero  
E também quanto não devo

Fechar escapamentos  
Triturar todo concreto  
Plantações pelo asfalto  
Todo certo pelo incerto

Toda alma é divina  
Toda etnia é sadia  
Deus lhe salve e eu te guio  
Sou tua ave de rapina

Sou congada, sou o negro (negro!)  
Vê meu sangue São Benedito  
Um Deus Negro pro meu Santo (negro!)  
E um Barão que é Deus Vadio

Ê congada, ê...  
Morta por um Século Vinte  
Ê congada, ê...  
Morta por um século... vinde!

E nasceste em Cavalhadas  
Alazões pelas veredas  
As princesas nos castelos  
E os anéis de fortaleza

Marinheiros aportando  
Bandeirantes nas picadas  
Arriá de Cuiabá que nasceu das incertezas

Sobra a brisa de uma noite  
Negros nus pelas senzalas  
Morte crua em céu risonho  
De uma lua equivocada

E o meu pêndulo arredio  
Cavalgando em disparada  
Sobre o lombo de um peixe  
Nestas águas condenadas

Descobri que sou o índio  
Sou o dono destas terras  
Vitimados por teus fogos  
Dizimados por tuas guerras

Sou o sêmen, sou o óvulo  
No ventre da natureza  
Voltar a ser de novo o clarão das labaredas  
Incendeia coração, mata-me pela sua clareza!

*\* O poema transformou-se numa canção, cuja letra é de Amauri Lobo e a música, resultado da parceria com Beto Seror*



**Amauri Lobo**

(55) é artista, sociólogo, jornalista e professor. Não necessariamente nesta mesma ordem. Começou nos anos 1980, na cena de Cuiabá (MT) e já rodou muito, inclusive tendo morado na Alemanha. Faz poesia, música e, a partir da experiência do bando Caximir, enveredou pela multiarte. Publicou livros, impressos e periódicos de poesia. Gravou em vinil e em CD. Prepara-se para lançar trabalho nas plataformas digitais. É ativista da cultura, por quem morre de amores.





#### André Siqueira

É poeta residente em Jacareí, interior de São Paulo. Já publicou poemas em várias antologias, revistas, jornais e sites de literatura. Publicou de forma independente dois livretos intitulados "Quase Ontem" e "As manhãs fechadas". Cursou a faculdade de Letras, porém sem concluir e atualmente faz Pedagogia, além de participar de eventos literários, oficinas de poesia e demais trabalhos.

## AGLOMERAI, GOZAI SEM DIQUES

não estanque a respiração nem  
o show rebolado inscrito  
não cale o fervor incorreto  
desfie o terno inconcebível  
desejoso de nos lacrar

aglomerai de cabeça alçada  
gritada aconchegada a nudez  
do artista formidável num  
alarme - retesada flecha da  
criação viralizada e morada

não desmemorize não aceite  
sou drag queens cosmopolita  
de norte a sul mais ainda  
lavemos a jato a abjeta  
caricatura da nação

orixás de partido alto punks  
afeminados o lado português  
sentimental tribal gozo  
púbis do poema rubro  
falado falemos o agora de Wi-Fi

a memória desfraldada a bordo  
museus da idiotização agrupada  
contudo não estanque a respiração  
o sarau de olho na rua retumba  
mas não desmemorize não aceite

você... pulha meu igual na agonia...  
lavemos a jato a abjeta hipocrisia  
de um país desfigurado  
sigamos desejosos mesmo num vale  
laborioso de inaceitáveis lacres  
e insistentes diques que miram  
numa ferida selvagem a  
necrosar a saudade de um país  
que nunca existiu

mas não estanque a respiração  
o púbis do poema de veras  
tem que - montado com mandinga -  
infinitamente gozar

No alto da montanha  
eu vi por cima de tudo  
e de todos  
e não era sobre isto

Fui ao fundo  
da montanha  
Fui ao fundo  
da montanha  
Fui ao fundo  
da montanha  
Procurar

Lá,  
o que eu encontrei  
foi um reencontro.  
Abraçei meu Eu  
Criança  
e reacendi  
a esperança  
de agora em diante  
ser todo meu

No fundo da montanha,  
pai,  
encontrei você:  
dentes amarelados,  
barba por fazer.  
Aquele constrangimento de sempre.  
como posso dizer obrigado  
se eu minto com você mente  
e sinto tudo o que você  
sente?

Obrigado pai,  
porque teus erros me fizeram subir ao topo  
da montanha. E eu não encontrei nada lá em  
cima, além da minha força na subida.

Obrigado pai  
porque a vontade de não ser como você, me trouxe  
para o fundo da montanha. Onde eu tenho uma chance  
uma única chance  
de me refazer.



#### Caio Augusto Ribeiro

É ator e diretor inscrito pelo DRT 0000651\MT. Começou os trabalhos como ator em 2009. Autor do livro "Porão da Alma" (clube de autores), Colecionador De Tempestades (Carlini&Caniato) e Manifesto da Manifesta (Carlini&Caniato), diretor do curta-metragem Réqueim Para Flores (2017). Fundador do coletivo de artes híbridas Coma A Fronteira. Atualmente desenvolve trabalhos levando poesias e processos criativos para as escolas e faculdades. Realiza oficinas voltadas para produção poética, arte urbana e teatro. Mas no fundo, prefere passar o dia no jardim olhando folhas e formigas.





## O COQUEIRO DO SEO JOÃO



)—Doutora em Educação (USP, 2007); mestra em Educação (UFMT, 1999); especialista em Língua Portuguesa (UFMT, 1989), Semiótica (UFMT, 1995) e Semiótica da Cultura (UFMT, 1996). Professora aposentada de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, pelo IFMT – Campus Cuiabá. Ocupa a Cadeira 16 na Academia Mato-grossense de Letras. É autora das seguintes obras: Pantanal mato-grossense: o semantismo das águas profundas (Cuiabá: Entrelinhas, 2004), Conferência no Cerrado (Tanta Tinta, 2008), Manoel de Barros: o demiurgo das terras encharcadas (Carlini & Caniato, 2010), O falar cuiabano (Carlini & Caniato, 2014), Bicho-grilo (Carlini & Caniato, 2016) e Papo cabeça de criança travessa (Tanta Tinta, 2017).

No final dos anos 1960, seo João morava numa chácara de mais ou menos 1 hectare, no Coxipó da Ponte, distrito de Cuiabá. Era um belo casarão antigo, de estilo colonial, circundado por uma grande varanda, um tanto recuado de uma ruína de terra e dela separado por uma cerca de cinco fios de arame farpado fixos em paus de aroeira. O portão de madeira trancado com cadeado só se abria para os raríssimos veículos que visitavam a propriedade e um portãozinho com cancela permitia a entrada e saída de pessoas, principalmente seo João, sua mulher e o caseiro, que dava duro na lida para manter limpo e plantado o local, repleto de frondosas árvores frutíferas.

Apesar de paralelo à rua Barão do Rio Branco, hoje av. Fernando Correa, o lugar era por demais tranquilo, exceto no horário em que as escolas recolhiam e soltavam os alunos, a subir e descer a rua em bandos tagarelas como periquitos no arrozal no caminho da escola e de volta às suas casas.

Seo João era caprichoso com a chácara: cultivava muitas árvores, flores e folhagens, como samambaias e avencas. Na linha de frente da casa, entre a cerca e a rua, havia uma bocaiuveira alta, daquelas que davam umas bocaiuvonas bem sem-graças.

Certo dia, seo João balançava-se em sua cadeira de urubamba na varanda esperando a esposa chamá-lo para almoçar quando um grupo de cinco meninos com uniforme do Souza Bandeira – que, naquela época, funcionava num casarão imponente de esquina em frente à igreja Nossa Senhora da Guia, vulgo Colégio das Freiras –, vinha passando bem animado em frente ao casarão. Um deles gritou:

– Bom dia, seo João do Coqueiro!

E os outros quatro, em coro, repetiram:

– Bom dia, seo João do Coqueiro!

O velho, que tinha fama de neurastênico, ficou furioso.

No dia seguinte, no mesmo horário, repetiram juntos e bem alto, em bando superlativo, o coro:

– Bom-dia-seo-João-do-Co-quei-ro!!! – no que ele se levantou da cadeira para correr atrás dos moleques e lhes dar uma bronca de manutenção ou coça que os pais ficaram devendo em sua educação, eles já tinham disparado numa desabalada carreira rumo à antiga ponte de ferro do rio Coxipó, aos gritos e risadas.

Seo João, então, chamou Dito Preá, o caseiro, e lhe ordenou:

– Hoje mesmo quero que você corte esta bocaiuveira, que não presta pra nada mesmo!

Obediente, Ditão derrubou no machado o tal coqueiro.

– Quero ver essa molecada debicar de mim agora! – comentou, satisfeito, o velho. E, no dia seguinte, fez questão de esperar sentado em sua cadeira de balanço os guris, no horário habitual.

Ao descerem o morro, avistaram a árvore tombada. Cochicharam entre si e, diante da casa, gritaram em uníssono:

– Bom dia, seo João do Toco!

O velho bradou um palavrão e gesticulou uma banana pros moleques, que gargalharam e correram, o que se tornou seu hábito diário, a cena repetindo-se por toda a semana, até a sexta-feira.

Já não aguentando mais tanto debique, o ranzinza chamou o caseiro e mandou:

– Neste final de semana, quero que você corte ainda mais o toco, bote querosene e meta fogo nesse diacho, até sumir a raiz! – Dito Preá, como sempre, obedeceu e sumiu com os restos mortais da árvore decepada. No lugar, apenas uma cova enegrecida sinalizava que ali houvera uma linda bocaiuveira que não prestava pra nada mesmo, além de dar pouso às araras e papagaios que ali vinham descansar e comer coquinhos.

– Acho que, agora, estou livre desse bando de sem-vergonhas mal-educados! – ruminou o velho.

Na segunda-feira, quase meio-dia, ouviu o grito:

– Bom dia, seo João do Buraco!

Dito Preá não compreendia por que o patrão dava tanta importância à gozação da criançada, mas não disse nada – o velho era bravo como o capeta. Naquele dia, ficou preocupado, porque seo João primeiro ficou vermelho como uma pimenta, depois branco como papel e se fechou. Não quis nem almoçar. Decidiu resolver pessoalmente o problema: pegou carrinho de mão, enxada e pá, encheu-o de uma boa terra preta da beira do rio, misturou-a com folhas secas de goiabeiras do quintal que catou do chão e tampou ca-pri-cha-da-men-te o buraco. Depois, transplantou folhagens e flores, espada-de-são-jorge, comigo-ninguém-pode, umas marias-sem-vergonhas brancas e antúrios, por toda a extensão da cerca, e aguiu bem. No fim da tarde, o trabalho estava concluído – já não havia nenhum vestígio da bocaiuveira.

Matou o problema a pau, ou melhor, matou o pau para resolver o problema.

No dia seguinte, ao quase meio-dia...

– Bom dia, seo João do Buraco Tampado!



## DO MENINO QUE ATIRAVA PEDRAS

Quando eu era criança  
arremessava pedras  
que se transformavam em flores  
em pleno voo  
pedras que musicavam poemas  
da terra-boua escalavrada

eu espalhava pedras  
desenhando no chão  
tesouros, paiol de rosas E açucenas  
rendilhadas a ouro  
ideograma de pedras rubicundas  
substanciadas em romarias  
pedras do menino fazendo arte  
um horto de alma, um porto de calma

envelheci com o tempo  
meus irmãos perderam-se em aventuras  
o mundo continua em voltas tresloucadas  
mas as pedras ainda lá estão  
incólumes  
guardando a imagem  
do menino que atirava pedras.



### Evel Rocha

Nasceu em 1967, na Ilha do Sal, Cabo Verde. Graduado em Teologia e Psicologia, pós-graduação em Poder Local (2010), fez o mestrado em Psicologia (2009) e Supervisão Pedagógica (2012). Neste momento está a fazer um doutoramento em Teoria Literária, pela Universidade de Valladolid. Participou de várias conferências nacionais e internacionais como orador na área da literatura e é membro da Academia de Letras de Cabo Verde. Livros publicados: Versos d'Alma (1997, poesia), Estátuas de Sal (2003, romance), Marginais (2010, romance), Cinzas Douradas (2015, poesia), Cisne Branco (2017, romance), Campo da Fortuna (2018, romance).

## NATUREZA DAS COISAS

homem acorda seus olhos  
 enxerga imensidão azul  
 prossegue pelo chão verde  
 horizonte das águas  
 divide céus terras  
 mares de Xaraés  
 na companhia da fauna  
 esse homem se mistura  
 entre humano e animal  
 na briga entre  
 subsistência e flora  
 fusão de vertebrados e  
 invertebrados pelas  
 savanas e alagamentos  
 da sobrevivência  
 no silêncio do Pantanal  
 a luz vai arder tudo  
 a chuva vai afogar  
 o humano segue o fascínio  
 pensamentos e desvairos  
 contam histórias do persistir  
 falam apenas aos tímpanos  
 para acalmar as cercanias  
 na violência dos predadores  
 na resistência do amanhã  
 moluscos vermes  
 centopeias crustáceos aracnídeos  
 na simbiose com o universo  
 ao entorno sem limites  
 a plenitude traz a criação  
 da natureza das coisas  
 aves mamíferos peixes  
 répteis anfíbios insetos  
 tudo embate pela sobrevivência  
 tudo é permanecer  
 tudo é vida  
 tudo vira  
 num mundo  
 que com certeza  
 aqui estamos  
 mas não é dos homens

## PALAVRAS CORRENDO ATRÁS DE TEXTOS

letras correm atrás de  
 palavras que correm atrás de  
 frases que correm atrás de  
 sentenças que correm atrás de  
 significados que correm atrás da  
 loucura da imaginação da doideira  
 insana e sana  
 para dentro de nós  
 para fora de nós  
 para mim para todos  
 textos esperam por  
 letras palavras frases  
 sentenças significados  
 imaginação  
 na esperança  
 de conseguir formar  
 palavra frase  
 texto conceito  
 definitivas  
 definitivos  
 irresolutos  
 mentes famintas  
 correm atrás de  
 letras palavras frases  
 sentenças textos  
 significados  
 do estender



**Henrique de Medeiros**

É escritor, jornalista e publicitário. Natural de Corumbá-MS, estudou em São Paulo e no Rio de Janeiro, onde se formou em Comunicação Social na Universidade Gama Filho, em 1976. Integrante da Academia Sul Mato-grossense de Letras, atualmente ocupa o cargo de Presidente.



## VALQUÍRIA

Na meia luz do meu quarto,  
Rasgando o silêncio,  
Pupilas enormes me espreitam:  
Inequivoca tradução,  
Parada no ar,  
Do mergulho em mim mesmo.

Num delicado arrepio  
De pelos eriçados como faíscas elétricas  
Ela me passeia pela cama  
Como quem flutua sob as águas,  
No seu cavalo alado.  
Paraliso-a repetindo seu nome: Valquíria.

Seus grandes olhos aprovam meu percurso.

Deslizo as mãos pelo seu corpo esguio,  
Busco no seu olhar uma imagem  
E o meu delírio absorve sua presença  
Felina,  
Menina...  
Benignidade,  
Minha amiga Valquíria.

A magia se processa,  
Os que vão morrer, meus pensamentos,  
Valquíria os escolta para a glória das batalhas.

Uma luz tímida entra pelas falhas da cortina  
E eu caminho até a janela.

Valquíria adormece extenuada.

Já não sou quem dantes era.



**Dante Gatto**

Natural de São Paulo-SP, professor aposentado da UFMT e da UNEMAT, colaborador do Programa de Pós-graduação de Estudos Literários. Escreveu e acompanhou a montagem de seis peças de teatro: *Os vencidos* (1985); *A noite dentro da noite* (1986); *A Criação literária* (1988); *Amar, verbo intransitivo - adaptação* (1995); **Retorno ao futuro: a semana de 22** (1996) e *A voz do povo: 500 anos de história* (2000). A peça *A noite dentro da noite*, em 1990, recebeu o Prêmio "Textos inéditos do interior. Ano 90" do Projeto "Oswald de Andrade de Dramaturgia", promovido pela Secretaria do Estado da Cultura de São Paulo. Publicou três livros de poemas: *Poesias* (1980); *Unimultiplicidade poética* (2005) e *A Ferida e outros poemas* (2015). Publicou vários prefácios e poemas premiados em diversos concursos literários.

## HALLOWEN

**H**alloween no mês de outubro de algum ano da graça. Fomos todos fantasiados para o bar. Vi zumbis caminhando num ritmo que não era o dos mortos; belas enfermeiras mortas; heróis em desuso; personagens do cinema de terror e mitológicos, com improvisos deploráveis. Fui fantasiado de Conde Drácula, não só pelo apreço que tenho pela literatura, mas também como pretexto para morder o pescoço de alguma menina.

Naquela noite bebi somente vinho. Comprei um garrafa e ia me servir no balcão, apenas para ter uma desculpa para circular entre as mesas à procura da minha presa. Avistei Christine quando ela se levantou para ir ao banheiro. Tinha os cabelos vermelhos e o corpo repleto de tatuagens. Lembrava-me dela, talvez de outra vida ou, o que é mais provável, de alguma bebedeira num desses bares. Havia outras duas garotas na mesa dela, se beijando. Entornei o vinho quando vi Christine voltar e fui até ela. Preferi arriscar e levei a garrafa, para me servir de amuleto. Antes que eu pudesse falar qualquer coisa, a bela moça de cabelos vermelhos perguntou se havia sangue na minha garrafa. Sorri e disse-lhe que sim. Ela então me convidou para sentar a seu lado e, se possível, deixá-la beber, pois estava há dias sem se alimentar. Adverti-lhe que, uma vez convidados para entrar, os vampiros podem não mais ir embora. Desta vez foi Christine quem sorriu e disse que não haveria problemas, desde que eu não lhe deixasse o pescoço muito dilacerado.

Tomávamos vinho em copos americanos para cerveja. As outras duas garotas que estavam na mesa continuavam a se beijar e pareciam não ter me notado. Aproveitavam a penumbra do bar para satisfazer seu desejo. Eram beijos ardentes e voluptuosos, que me causavam inveja. Estava excitado e perguntei à Christine se não poderíamos fazer igual. Ela virou o copo de uma vez e me beijou. Sua língua habilidosa dançava em minha boca. Por fim, mordeu longamente meu pescoço, a ponto de arrancar-me sangue. Fiz o mesmo com ela e ela tornou a me morder. Retribuí mais uma vez. Logo estávamos ensanguentados, mas a nossa sede parecia aumentar. Fomos ao chão, tirando as roupas. Transamos na festa e, a cada nova mordida, éramos nutridos pelo sangue um do outro. Isso nos deixava ainda mais excitados. Peguei Christine e joguei-a sobre a mesa, conectados num ritmo alucinante. As horas passaram e, por fim, nos cansamos. Somente nossas línguas lambiam o sangue da garganta alheia. Exaustos e extremamente satisfeitos, não tínhamos forças para levantar da mesa. Nossos corpos desapareceram com os primeiros raios de sol.



**Klaus Henrique Santos**

Reside em Sinop-MT e é membro da Academia Sinopense de Ciências e Letras (ASCL), nela ocupando a Cadeira 10, cujo patrono é Jack Kerouac. Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo. Publicou Páginas da Escuridão (2012), Enfim, a estrada (2014), Horror & Realidade: contos (Carlini & Caniato Editorial, 2015), No Compasso da Loucura (Carlini & Caniato Editorial, 2017) e A poesia mora no bar (Carlini & Caniato Editorial, 2018).





e agora que acabou  
ficou assim, um vão  
não houve nem sim,  
nem não.

como um conto sem final  
enterro sem funeral

corpo sem viço  
olho-de-peixe sem brilho

revólver sem gatilho  
serenata sem estribilho

e agora que acabou...  
ficou assim  
sem graça

sem rima  
sem rotina  
mas  
uma hora passa.

**Edson Flávio**

É cacerense, doutor em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) onde, atualmente, é docente e pesquisador na área de Literatura. Amante da poesia, escreve desde quando ganhou seu primeiro concurso, ainda na escola. Pretende publicar seu primeiro livro em 2019.

## EGOLATRIA ANTROPOFÁGICA

e  
absolutamente  
só  
com  
seu  
proeminente  
umbigo  
segue  
o  
ego  
centrista  
ao  
jazigo

leva  
na  
mala  
sem  
alça  
alegria  
falsa

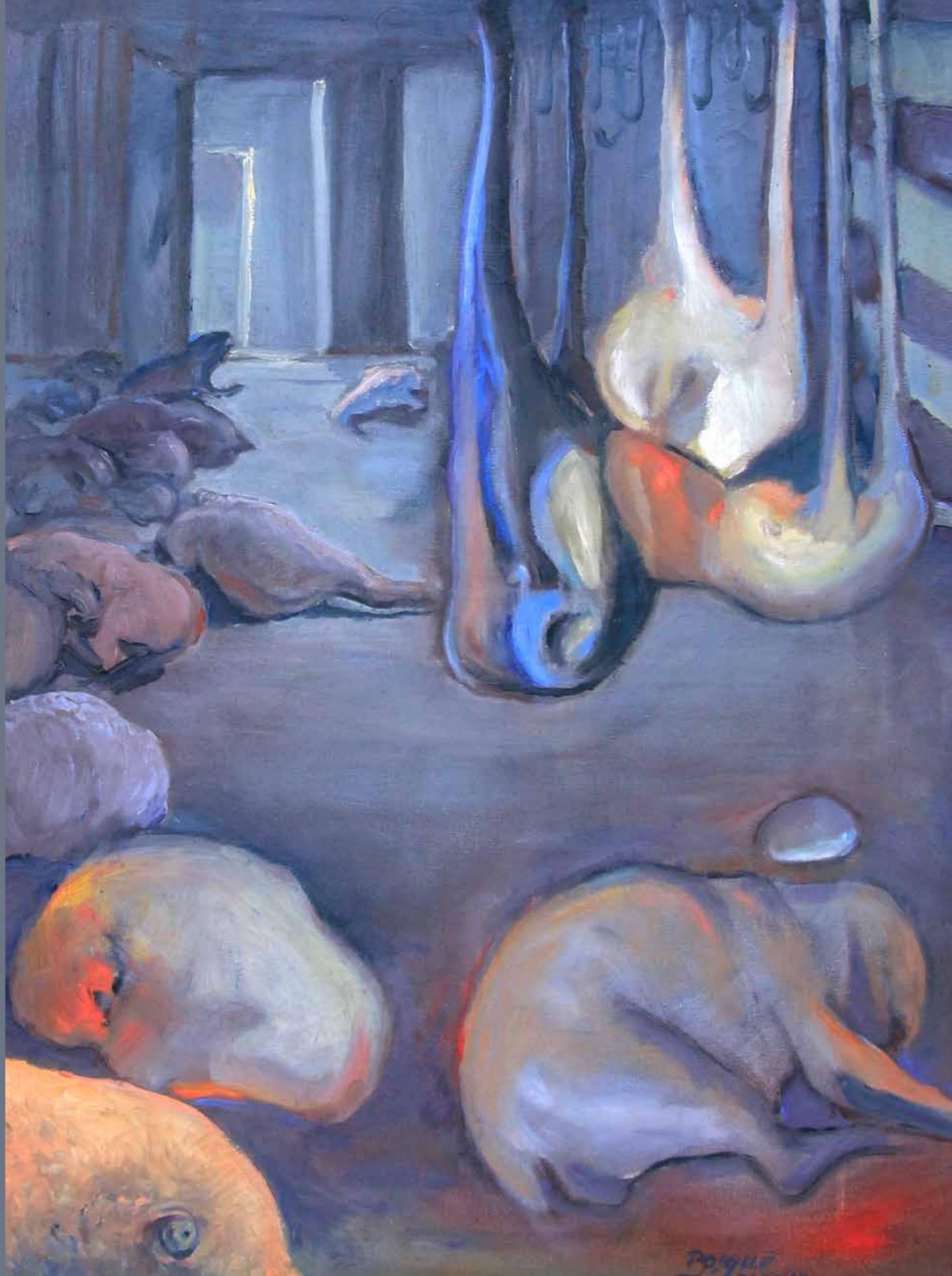
e  
um  
coração  
de  
dentro  
pra  
fora  
carcomido



**Janete Zimmermann**

É natural de Catuípe (RS) e mora em Campo Grande (MS). Tem, publicados, dois livros de poemas: "Asas de JIZ", Editora Life (2013) e "Pétalas Secretas", Editora Patuá (2016), com o qual venceu, em 2017, o Prêmio Guavira de Literatura. Dentre as várias antologias que participou, destaca: "As Mulheres Poetas na Literatura Brasileira"- Volume II, coletânea em e-book, criada, organizada e divulgada pelo poeta Rubens Jardim.





## RETRATO

Nem sempre me pareço  
com meu retrato  
apesar e além do meu baton  
e do que diga a minha boca  
ou grite o meu silêncio.

## GUIA

O menino passa na rua do arraial  
A mão direita empurra a bicicleta  
a esquerda puxa um cavalo .

Então sigo com eles meditante  
Cavalo, troto atrás  
do que, generoso, dá grama e açúcar.  
Criador de cavalos, sigo à frente  
do que, leal, quadrupeda e trota  
Ciclista, empurro do meu lado  
a que, muda, bicicleta e roda.

Vezes há que a corda é rédea .  
Outras há que o laço é afeto

Nos cruzamentos do mundo  
puxa ou guia um guidão...

## TROVOADA

A sombra chegou  
E só cobriu do mundo a metade

O dia não soube ir-se embora inteiro:  
Deixou restos de tinta vermelha  
E vestígios de purpurina no céu.

A nuvem não ajudou  
Pois não molhou toda a cidade.  
Trovejou, trovejou,  
fez uma enxurrada  
e foi chover no molhado do rio.

Só precipitação!...

## CAPIM

Minha alma foi nascida como capim  
num terreno baldio  
de lugarejo sossegado assim.

Os talos cresceram  
feito cana de cano fino  
mas cheirando garapa grossa, assim.

A vida ensinou a ser feito capim  
a não ficar, nem parar  
mas apendoar com pendão assim

depois voar na flor de capim  
com o vento levando  
para outra plantação assim...



### Icleia Rodrigues de Lima

É graduada em Letras pela UFGO (1968), Mestre em Filosofia da Educação, pela FGV-RJ (1981) e Doutora em Educação, pela USP-FEUSP (1992). Foi professora do Curso de Graduação em Letras da UFMT, nos Programas de Mestrado em Educação da UFMT e da UEL-Londrina-PR, e também no Programa de Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO-IL-UFMT).

## PROVISÃO

Dos abusos  
 Que nos impomos  
 De não olharmos  
 Através das cortinas  
 Dos compartimentos  
 Em reclusão  
 Sem concluir  
 Estar no imperativo  
 Pranto e ouvidos fechados  
 Das omissões que  
 Doem e colam bocas  
 Com medo  
 Da falta de dizer  
 Por não prever esperança  
 Por não prover esperança  
 No engano estéril  
 O berro no barro  
 Assopra pele ressecada  
 Sem massa a correr  
 Digamos que seja possível  
 Continuar  
 Digamos que seja possível  
 Alegar  
 A passagem impedida pelo  
 Camburão,  
 Armas abertas,  
 Fogo em compaixão  
 Sentido  
 Sentimento  
 Inócuo  
 Palavra sem repouso  
 E a mansidão insiste,  
 inexistente.



### Lívia Bertges

(1987, Juiz de Fora – MG) é doutoranda em Estudos Literários (UFMT) com estágio sanduíche na Sorbonne Université (Paris, França). É mestra em Estudos Literários (UFMT) e em Langues et Cultures Etrangères (Université Stendhal). Publicou artigos e poemas em revistas, antologias e sites. É editora da revista literária Ruído Manifesto.





Bosqué  
Artista

## BIOGRAFIA

**C**arlos Alberto Bosqué Junior, conhecido como Bosqué, Artista Plástico e Professor de Artes, nasceu em Garça-SP e trazido por Tuiuiús para o Estado de Mato Grosso em Cáceres com Ateliê próprio desde 1995, desde 2010 lecionou o ensino de arte nas escolas públicas e particulares de Ensino Fundamental, Médio e Técnico integrado do Instituto Federal. É bacharel em Pintura pela Faculdade de Belas Artes – FEBASP, Licenciatura em Educação Artística e Especialista em Educação de Jovens e Adultos EJA. Atualmente é professor do IFRO Guajará Mirim-RO onde mantém contatos culturais com a comunidade da região amazônica, mas possui residência no Mato Grosso e adora a cultura e natureza pantaneira a qual sua família reside.

Desde pequeno estimulado pelo pai pedagogo e advogado, mãe que sempre foi também presente incentivando atividades manuais artísticas, busquei identidade no estilo surrealista expressionista, trabalhando com imagens metafísicas e conceituais, dialogando sua observação de mundo com as reflexões presentes da humanidade que são relacionadas a subjetividade de valores éticos e de formas que muitas vezes incomoda pela individualidade e diferença, relacionando o grotesco e enigmático no sublime e humilde de uma sociedade impregnada de pré-julgamentos pela aparência.

“Sou autodidata, cresci e preservei grande parte das artes contemporâneas. Incompreendido em razão de muitas imagens que remetem ideias e formas de sensações de incômodo e angústia, estas obras estiveram em diversas exposições e ainda continuam pela sua originalidade que diferencia de Dali, De Chirico ou Magritte, a viver no imaginário de muitos como uma identidade de característica que saem do mundo do sonho e entram na alma”, afirma o artista convidado pela Revista Pixé.

Bosqué conclui: “Vivenciar a arte no ambiente escolar com jovens é algo que cria esperança nas presentes e futuras gerações. Acredito que muito do que temos hoje de incompreensão da arte contemporânea se deve à falta de oportunidade de profissionais especializados na disciplina e políticas de inclusão de arte no país. Gostaria muito de ver um dia escolas com espaços decentes para oficinas de arte”.



## EXPOSIÇÕES

- Menção Honrosa do X Salão de Arte Contemporânea de Presidente Prudente (1994).
- Mapa Cultural Paulista (1995-1998) e Finalista (1997).
- Exposição no Memorial da América Latina e no Hotel Brasilton "Destaques 97"(1917).
- Exposição Coletiva no MAPA - Museu de Arte Primitiva de Assis, "Diversidade Cultural" (2012).
- Exposição Coletiva de Pinturas, Museu de Arte da UNEMAT, 2013.
- I Mostra Cultural Coletiva do Centro de Referências de Direitos Humanos da UNEMAT, (2013).
- II Mostra Cultural Coletiva do Centro de Referências de Direitos Humanos da UNEMAT, (2014).
- Exposição de pinturas no I Congresso Internacional de Educação de Cáceres- Educação sem Fronteiras, (2013).
- Exposição no 25º Salão Jovem Arte da Secretaria de Estado de Cultura (SEC) e Associação das Artes, Comunicação e Cultura de Mato Grosso (Acênica) em (2015).
- Exposição Coletiva Hemma-Thomas, Museu de Arte de Mato Grosso – MAMT, (2015).





### Gabriel de Mattos

É contista, romancista, arquiteto e professor universitário, enquanto o dia tiver apenas 24 horas. Seu livro *A Geringonça*, fez parte do Programa Nacional de Bibliotecas de Escola (MEC/2007), em 2011 ganhou o Concurso Internacional de Contos de Ficção Científica Vicente Cardoso, com *Canção*. Recém doutorado em Estudos de Cultura Contemporânea, vai retomando o mundaréu de coisas que gosta de fazer.

## GARIMPEIRAMA

(*O Mundo de Costas para o Cruzeiro do Sul*)

Olegário Mundin começava a perder o pouco de calma que habitualmente o acompanhava.

- Como que eu posso sair só depois de pagar, se só vou conseguir dinheiro para pagar se sair?

Arrematou com um palavrão e encarou a enfermeira.

- O senhor não tem nem plano de saúde?

- Dona, nem plano de vida eu tenho. O que aparecer eu aproveito. Aliás, a boneca tem programa pra hoje à noite?

- Senhor Olegário!

- É isso aí, meu bem, se você não gostasse de aventura não teria arrebatado aqui no meio do garimpo.

Ela se retirou, dizendo que ia chamar um guarda. Olegário pensou que um guarda só poderia mesmo expulsá-lo dali, justamente o que não queriam deixá-lo fazer por livre e espontânea vontade. De qualquer forma, achou melhor vestir-se e escapar pela janela. Por sorte o hospital tinha lavado seus trapos de garimpeiro. Ele ficou apenas alguns segundos em dúvida sobre se levava ou não o pijama de doente. Melhor levar: no mínimo estaria fazendo campanha para o Doutor Raimundo Schutz, que deveria sair para prefeito nas próximas eleições.

- E pra consolidar minhas boas intenções juro que qualquer dia desses tiro um título de eleitor, e até passo procuração pro Doutor Raimundo Schutz votá-lo por mim! - Deu uma gargalhada.

Ao tocar o chão após o pulo da janela, doeu todo o interior de Olegário Mundin.

- Eita, que o conserto ficou pela metade. Mas deixa de ser ingrato, Olegário meu velho, por esse preço de nenhum cruzeiro era o melhor que poderias conseguir.

Ja pelo meio da tarde naquela cidade do nortão de Mato Grosso. Para os desavisados poderia parecer meia-cidade, pelo tanto que ainda precisava ser feito para enquadrá-la na definição de dicionário.

Mas mesmo assim era grande para Olegário Mundin, que na verdade verdadeira não gostava nem de cidades, nem de meias-cidades, que diria então cidade e meia. Lembrava-se com terror da aventura que fora uma viagem à São Paulo, onde venderia um diamante do tamanho de um ovo de codorna: Não chegou a atravessar rua do centro porque “não prestava cortar procissão”. Essa e outras anedotas aconteceram de fato com Olegário, tanto que nem ficou pra gastar um pouco do dinheiro arrecadado com a venda. Não adiantou o primo Ludgério acenar com noites de safadeza alucinante, com aquelas mocetonas da cidade, como Mundin nunca vira igual.

- Qual o quê, Primo Ludgério: capivara fora do mato, caçador atira fácil!

Ao que o primo, repudiando os interiores após casamento com paulistana italiana, de raviolis e canelonis:

- Pois eu, compadre Mundin, acho que quem faz carreira no mato é veado!

O compadre Mundin sorriu da lembrança. Não pela cidade, mas pelo tempo que garimpar dava dinheiro; tempo que dava para viajar bem pra longe, só pra tomar um fôlego antes de voltar pra labuta da bateia.

No fundo ele gostava do mato, daquela vida sem detalhes de estudo, sem muita gente de lado. Isso já fazia tempo que não encontrava. Agora os garimpos eram empresas, e ele tinha que dividir o que achava com o dono do garimpo. *Dono?* Era estranho. Como alguém podia ser dono do ouro que estava nos rios ou embaixo da terra? Como alguém que não labutou pra separar a terra do ouro, o barro do ouro, podia ser *donos*?

Mundo mudado, né, Mundin?

Pena que saíra fugido do hospital do Doutor Raimundo Schutz; agora não sabia onde encontrar o Glório, seu companheiro de garimpo, que o havia levado para se tratar da recaída de maleita. Bom e velho Glório, companheiro como não se achava mais nos garimpos. Ambos concordavam que era absurda aquela coisa de hoje o garimpeiro ser *empregado* de uma firma de mineração. Glório, que era estudado, dizia que mesmo antes os garimpeiros acabavam trabalhando para quem comprava o ouro, estavam dependentes dos compradores, que pagavam o que quizessem.

- Mas mesmo assim era mais gostoso, Glório. A gente não tinha que olhar um *patrão* como olha hoje. Isso dói na nossa alma de aventureiro.

Papos nos bordéis de garimpo, a cara cheia, gastando todo o dinheiro arrecadado em semanas de briga com a bateia. Aliás, era onde deveria procurar o amigo, na *Boate Star Light*, ali na beira do rio. Pelos seus cálculos, Glório ainda deveria ter uma grana no bolso, então só poderia estar na zona.

- Sou um bordelista, amigo Mundin. Quero é morrer durante uma noitada daquelas, na cama ou na mesa. Morro feliz e ainda deixo a conta pros amigos pagarem!

Grande Glório! Era cedo para a Boate Star Light estar funcionando, então Mundin decidiu andar pela cidade, fazer hora até a noite cair. Sentou-se num banco de praça e passeou a vista pelas redondezas: afora um ou outro armazém, casas pequenas, uma pensão e as lojas com cartazes escritos à mão *Compra-se Ouro*.

Garimpeirama...

Nunca esquecera a história contada pelo Glório. No tempo que o outro tinha família, dinheiro, estudo, lera num livro de História de Mato Grosso, de Rubens de Mendonça (“Lê pra burro, sabido pra xuxu!”, diziam do autor) esse caso da República dos Garimpeiros.

Pelo que Mundin entendeu, ele que não sabia ler direito, a coisa se passou por causa de um desentendimento entre dois grupos de garimpeiros, um deles liderado por um tal Morbeck, o outro por um certo Carvalhinho. Foi uma luta sangrenta no reino da bateia, daquelas que o governo teve medo de se meter no meio. E era essa parte que Olegário Mundin gostava, que pedia pro Glório repetir, uma, duas, três vezes. O governo passava longe, só entrou de sola quando a carnificina chegou a feder até lá na capital; dizem que o governo federal ia mandar tropas. Aí Mundin imaginava e ia embora:

- Imagina, Glório, o governo não consegue entrar no meio. Aí os garimpeiros falam: Aqui o governo é a gente, aqui é só garimpeiro que vai entrar. E aí essa tal da Garimpeirama ia virar um país! Já imaginou, Glório: *Garimpeirama, O País dos Garimpeiros!* Dinheiro não ia faltar, era só a gente tirar ouro. As cidades iam ter só bordéis e boates, uns hotéis e res-

taurantes chiques para a gente gastar o que ganhasse na bateia. Só isso, Glório, nada de coletoria, de inspetoria, dessas besteiras; ia ser uma terra de gente macho!

O Glório não falava nada, só pitava aquele cigarro de palha que fedia bastante, mas pelo menos espantava os mosquitos. Numa terra como a Garimpeirama, um Doutor Raimundo Schutz não iria se candidatar a prefeito. Só se candidata porque é casado com uma filha do dono da mineradora que controla os garimpos da região. Gumercindo Feijó, o dono da Boate Star Light, contara a história do humilde médico cuja única façanha de destaque fora conquistar a Verinha *Oeiras*, filha de Sigismundo Oeiras, proprietário de vastidões de terra garimpável. Ele chegara meio desinfluido àquela terra, mas a fidelidade da Verinha ao pai, e seu espírito de aventura, acabaram contagiando o doutor, que construía o hospital com o respaldo financeiro do sogro e estava se tornando seu herdeiro político.

- Escreve isso, Mundin, nosso próximo prefeito chama-se Doutor Raimundo Schutz... Oeiras! - Brincava o bordeleiro Feijó.

A noite caíra enquanto Mundin passeava na cabeça por sua Garimpeirama. Ele ainda esperava achá-la, concreta, uma terra sem dono, para ser explorada por ele e sua bateia.

A Boate Star Light ficava numa construção de madeira à beira do rio. Tinha um espaço coberto sem paredes onde se podia beber no mais arejado (afinal a região era muito quente). Ao lado desse espaço ficava o famoso *forão*, lugar fechado, de pouca luz e muito calor, onde se podia dançar colado, fumar o quanto quisesse e ver strip-teases. Ao fundo, num corpo separado da boate, os vários quartos para as horas de amor com as meninas. Essa era a única parte da Star Light feita de alvenaria, além dos banheiros; Gumercindo Feijó achava que divisórias de madeira não dariam intimidade para os casais. Outra coisa surpreendente nessa parte era a limpeza, o que fazia o bordeleiro respeitado pelos garimpeiros e até pelo povo da cidade.

Aquela hora ainda não começara o movimento, Mundin não viu o Glório por ali, mas encontrou Gumercindo Feijó atrás do balcão. O garimpeiro sentou-se para conversar, enquanto uma das meninas começava a passar a mão nele.

- Só vou prosear um pouco... - Desculpou-se, sabendo que sem dinheiro não conseguiria muita coisa com aquelas profissionais.

- Pode ir, Flor. - Disse Gumercindo Feijó; ele mesmo instruía as meninas a nunca deixar um cliente sozinho no *forão* - E aí, Olegário, pronto pra outra maleita?

- Vira essa boca pra lá! - Ele bateu na madeira do balcão, notando que o proprietário estava de bom humor.

- Olha a novidade que eu vou lançar aqui, - Feijó exibia umas ensebadas cartelas de bingo com o carimbo vermelho da Star Light por cima; mesmo assim dava para notar que tinham sido usadas na quermesse da igreja, um mês atrás - é a última novidade na capital. Cada noite eu separo uma menina especial pra fazer o strip-tease, depois a gente faz um bingo e quem ganhar vai pro quarto com ela.

- E qual a vantagem?

- Ora, Mundin, eu vendo baratinho a cartela, mas como tem muita cartela ganho mais que se fosse só alugar o quarto.

É o sistema industrial, o dinheiro de massa. E depois tem o lance do jogo, vocês garimpeiros gostam de jogo, e este jogo tem um prêmio especial. - Sorriu baboso Gumercindo Feijó.

- Você faz de tudo pra tirar nosso dinheiro, seu safado! - Riu Olegário Mundin, já pensando em perguntar quanto era a cartela. Talvez conseguisse um dinheiro emprestado do Glório para ver se ganhava uma menina, afinal estava numa precisão imensa. Por isso é que cantara a enfermeira: apesar de feia de rosto, tinha um bundão respeitável.

- Olha, Mundin, isto daqui vai crescer, e eu espero melhorar de vida. Estou pensando em trazer o jogo do bicho pra cá, organizar a coisa. Uma cidade precisa ter de tudo em matéria de diversão.

- Aliás, Gumercindo Feijó, porque você não se candidata a prefeito? Olha que com seu trânsito junto às putas e aos garimpeiros pode fazer frente até ao Doutor Raimundo Schutz.

- Será?... - Os olhos do bordeleiro brilharam - Você acha mesmo, Mundin?

- Tente, homem, você é um sujeito organizado, dinâmico, tem idéias, sabe do que o povo gosta. Vamos brigar com esse povo da mineradora.

- Ah, não sei... - Apesar de estar em dúvida, Feijó sorria para dentro. Pegou uma garrafa de pinga e dois copos - Toma uma por conta da casa. Mas me diz aí, como é essa idéia de prefeitura?

- Ora, você me falou que o Sigismundo Oeiras quer lançar o genro pra prefeito, mas nós no fundo não gostamos dele, ou deles dois. Olha que queriam me prender no hospital da mineradora, porque eu estava sem grana pra pagar. Se você arruma apoio de mais um povo que mexe com comércio... pode fazer um estrago!

- Mas o povo dos Oeiras tem muito dinheiro.

- E sabe do que mais? O Glório me contou que há algum tempo atrás, nós os garimpeiros quase fizemos uma cidade só

nossa aqui em Mato Grosso. Era a Garimpeirama. Olha que se você ganha, a gente te apóia pra mudar o nome do município pra esse de Garimpeirama, bonito à bessa.

O bordeleiro estava animado, até encheu o copo do garimpeiro outra vez. Mundin sentia a cachaça queimar na barriga. Ou estava ficando velho ou o tratamento no hospital do Doutor Raimundo Schutz não valeu de nada.

- Sei lá, Mundin, - Feijó estava com os olhos vidrados - o que eu quero mesmo é ser empresário. Eu comecei aqui com a Star Light, agora vou ver se implanto o jogo do bicho. Política? Não sei... - E mais confidente - Sabe de uma coisa que eu queria ter? Sabe o que é? Um cartório. Onde eu fosse o tabelião. E esse cartório ia ter uma novidade: ia funcionar também de noite. E aqui na boate! Se você soubesse como bêbado fica corajoso pra fazer negócio... E eu aqui só fazendo contrato, registrando compra e venda, carimbando declaração. Mundin, ia ser uma fábrica de dinheiro!

O garimpeiro bebeu outro trago, já pensava numa grande campanha entre o bordeleiro e o médico, com a cidade em pé de guerra. As putas na rua agitando pelo patrão, talvez Feijó fizesse noites grátis para os eleitores, era voto certo. Depois a garimpeirada brigando com a mineradora, fazendo corpo-mole, diminuindo o lucro dos Oeiras. Comícios na praça, com umas boas brigas pra dar gosto. E depois: Garimpeirama!

- Sabe, Mundin, - Feijó enchia mais uma vez o copo do garimpeiro - você me deu uma boa idéia. Olha, eu vou falar com o Sigismundo Oeiras, vou conversar com ele pra me colocar de vice na chapa do Doutor Raimundo Schutz.

- Você... vice?! Mas, Feijó...

- É isso mesmo. Sabe, um tempo atrás uma das meninas novas teve um problema e eu a levei escondida pro hospital. O Doutor Raimundo Schutz mesmo atendeu; é que eu pago mais caro porque é escondido. Vai que ele gostou da mocinha, e eu deixo ela separada pra ele. Está enrabichado, Mundin! Acho até que vou falar com ele primeiro, e só depois com o Sigismundo...

Olegário Mundin alegou indisposição, tomou o último trago de cachaça e deixou Gumercindo Feijó abrindo as portas do seu cartório. Fora do *forão* era uma noite estrelada, os primeiros fregueses já estavam bolinando as meninas. Ele mesmo teve que espantar duas delas, fiéis aos ensinamentos do patrão.

- Vão embora, estou doente, não aguento nada. E ainda passo doença pra vocês!

E esse Glório que não aparece. Precisava do amigo para planejar o caminho a seguir. Não poderia mais voltar para o garimpo dos Oeiras, descontariam das suas retiradas o tempo no hospital. Davam com uma mão e tiravam com a outra, desgraçados!

A barriga voltou a doer, ele foi para a beira do rio, queria escapar da música, das luzes, da alegria da boate. Ficava taciturno quando decidia que precisava sair de um lugar que já não dava espaço para um desgarrado como ele. Era aquele momento em que se encaminhava sempre para o norte, “de costas para o Cruzeiro do Sul”, como dizia o Glório.

Era cada vez mais difícil tomar aquela decisão, e cada vez ia ficando mais solitário. Achava que em alguma outra vida devia ter sido bandeirante, que era uma festa quando saíam de São Paulo em direção ao interior. Agora não mais festas, não mais grupos de jovens esperançosos, mas velhos fugindo, sem querer olhar para trás.

Imaginava até que seu último companheiro, o Glório, iria um dia abandoná-lo, voltar para sua família estabelecida, ficar nas costas dos parentes. Pelo que ele contava, era gente disposta a pagá-lo para não aparecer. Glório disse que um dia ia escrever um baita de um livro, contando a história da vida dele.

- Tudo, Glório?

- Tudo, Mundin. Já me acham louco mesmo, ninguém vai levar a sério. Os loucos tem regalias, Mundin.

Mas que pelo menos Glório lhe desse um dinheirinho para comprar uma bateia; e uns mantimentos, que o ajudassem a sumir por esse nortão do Brasil, atrás de algumas pepitas.

Para vender, gastar o dinheiro com putas e jogo, e depois voltar...

Algumas vezes (poucas, ele tinha medo de pensar nisso), mas algumas vezes ele se imaginava chegando a um ponto em que encontrasse o mar à sua frente, enquanto ainda podia ouvir o som de uma cidade às suas costas, uma cidade sob o Cruzeiro do Sul... às suas costas.

Seria o fim, não mais nortes para seguir, não mais grotas como era aquela mesma povoação onde estava agora. Nem mais uma povoação: uma cidade com hospital, prefeitura, cartório...

Afastou a imagem da cabeça, instintivamente olhou para o céu, procurando o Cruzeiro do Sul. Viu a constelação refletida nas águas calmas do rio; estava tonto, mas sabia qual a direção a seguir. Só precisava de mantimentos; e uma bateia, cada vez mais difícil de encontrar nas casa de garimpo, cheias de máquinas, bombas, filtros.

Nem que fizesse a bateia ele mesmo, de barro, com as próprias mãos! Iria é sumir dali. Só uns mantimentos, um cantil de água, talvez um facão.

E o Glório que não chega!...

## PROCURA-SE

**P**rocura-se um conto pequeno. Ou crônica. Se ficar difícil definir entre crônica e conto, tanto da parte de quem procura, quanto de quem oferece, não tem importância. Que escrito seja o texto, e vale dizer que não há espaço pra romances, embora infinitas sejam as dimensões do reino literário, conforme preconiza a ditadura virtual.

Tem que ser conto, ou crônica. E está possibilitada a hibridez desses dois estilos de textos. É pra publicar num espaço virtual onde o editor ameaça e amealha. Utiliza-se do estelionato com notas fiscais inimagináveis, remetidas aos endereços eletrônicos de seus pobres-coitados colaboradores, entre marias das dores, auxiliaadoras e dolores.

A edição urge em ser fechada e escribas precisam se desdobrar, até mesmo aproveitando fiapos domingueiros e feriados. E não tem e nem vem com tempo de validade. Há dúvidas sobre a exatidão cronológica, por causa do horário de verão que se foi, mas que ainda está impregnado na cabeça de quem busca este conto ou crônica.

Não precisa ser nenhuma beldade literária, basta apenas se enquadrar na categoria do jornalismo bem feito. Não há como exigir muito a esta altura dos acontecimentos. E nem há a garantia da publicação. O editor é carrasco e apenas procura uma crônica. Ou um conto.

Não há recompensa nenhuma para o autor, mas compensa, sabemos, embora não haja condições de qualquer tipo de esclarecimento que comprove a compensação. Há apenas uma nota, coisa promissória, no e-mail de quem carambola.

É preciso que essas palavras sejam formatadas em pequenos parágrafos, de uma lauda e mais meia, no máximo, de extensão. E que se apresentem antes da pizza solicitada pelo telefone. Há uma corrida contra o tempo, porque no *dead line* tudo vai terminar em pizza. E o conto, ou crônica, tem de ser a entrada desta refeição, jamais a sobremesa.

Procura-se quase que desesperadamente esse texto. Essa gente vitimada por essa intimação vernacular deve se apressar, já que quem solicita vai logo informando que não há receita que garanta a qualidade dessa crônica, ou conto. E não será permitida, em hipótese alguma, que qualquer pretense autor, peça para apenas começarem o seu texto, procedimento comum entre estudantes adolescentes, quando o professor ou professora ordena que uma redação seja feita.

Não há regulamento completo e, infelizmente, nenhum link adicional (ou sequer telefones disponíveis), onde os pretendentes a cronistas ou contistas venham a obter mais informações. Procura-se um conto, ou uma crônica. Qualquer um que seja, que venha... crônica ou conto.

Pior de tudo e de uma ruindade única é a boataria. A conversação que aflora na maldição das mídias sociais. De acordo com ela, pelos espaços públicos da cidade serão postados cartazes impressos em preto e branco, em papéis de qualidade duvidosa, ostentando com letras garrafais, no topo... "PROCURA-SE".

Nesses cartazes a imagem dos devedores e devedoras, que não encaminharem sua crônica ou conto ao alzoq, aqui e agora classificado como facinora literato, sujeito biltre e manipulador, orden(h)ador das letras de outrem; será reproduzida impiedosamente.

Eu mesmo, portador de uma pobreza coitada, preboste da fecundidade letrada, já antevejo minha imagem estampada em postes e outras plataformas de logradouros públicos, reproduzido como procurado e caracterizado como aquele que escreve e diz o que bem entende.



**Lorenzo Falcão**

"Nasci inexplicavelmente para ser poeta", reconhece Lorenzo Falcão na breve biografia que acompanha "mundo cerrado" (assim mesmo sem maiúsculas por opção do autor). "O cerrado é meu lar e a poesia, o meu mundão sem porteira", conclui o jornalista, que nasceu em Niterói (RJ), mas cresceu em Mato Grosso, "entre barrancos, pedras e sombras", e trabalha há muitos anos como jornalista na área de cultura.

## VERBAL

Que voo excêntrico  
a palavra oral  
dilacerando o ar  
na escuridão  
ou na luz do dia  
Jamais vista a olho nu  
tampouco em fotografia.

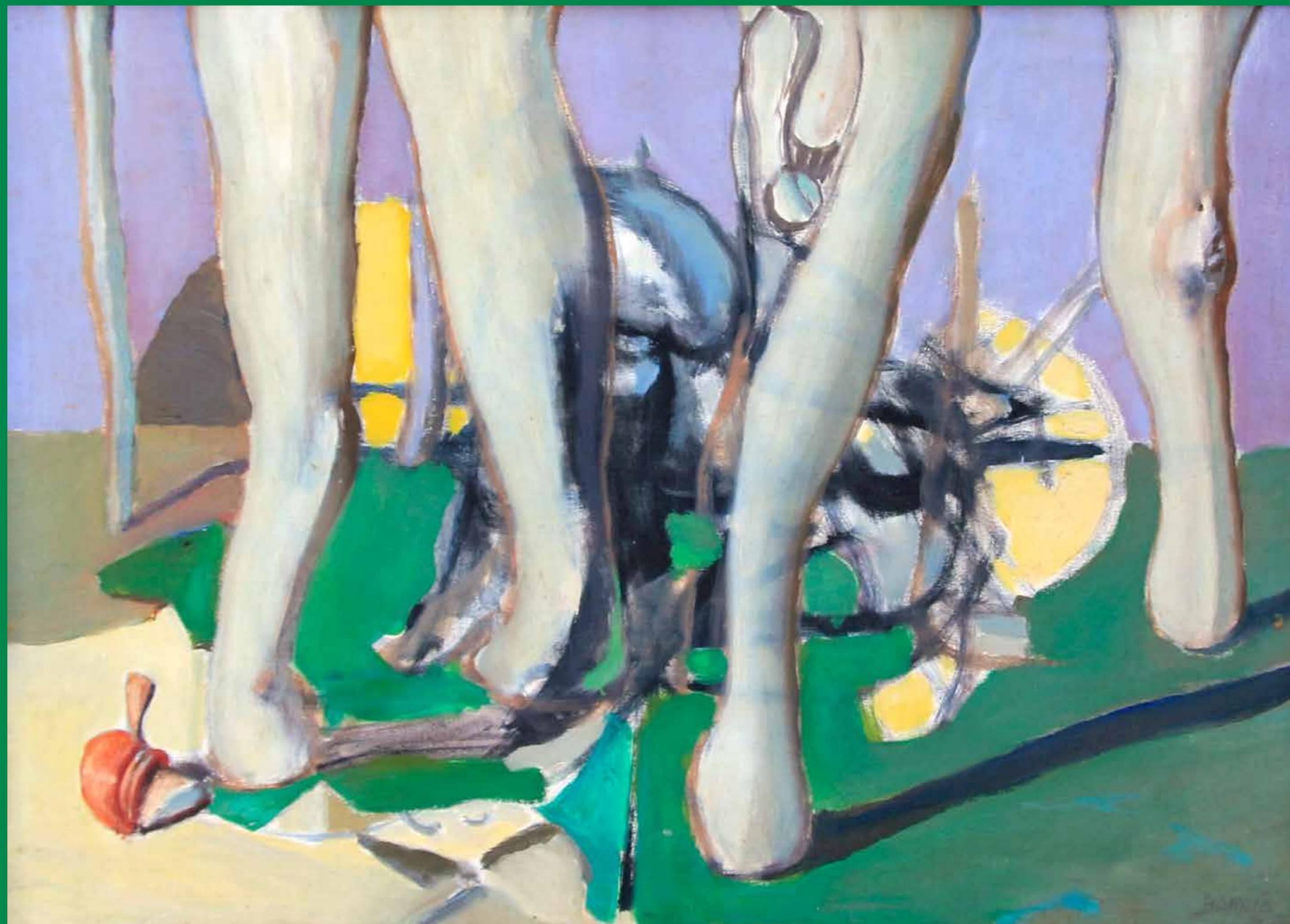
## EM RESUMO

Existem questões  
que são assim:  
do instante  
ao redor do fruto  
do fruto  
ao sabor do tempo  
do tempo  
a existir por si.



### Lucinda Nogueira Persona

Escritora, poeta, professora e membro da Academia Mato-grossense de Letras. Nasceu em Arapongas, PR, e vive em Cuiabá, MT. Estreou na poesia em 1995 com o livro *Por imenso gosto*. Publicou, entre outros: *Ser cotidiano* (1998), *Sopa escaldante* (2001), *Leito de Acaso* (2004), *Tempo comum* (2009), *Entre uma noite e outra* (2014) e *O passo do instante* (2019).





## AGENDA

Antes, o amor.  
Intenso, imenso,  
com aroma de manhã.

Depois, o café.  
Tranquilo, assim,  
com sabor de quero mais.

Eu, em teus braços  
O mundo no olhar  
e no depois.



**Leni Zilioto**

É natural de Guaporé-RS. Residiu em Passo Fundo-RS, em Serafina Corrêa-RS e em Nova Mutum-MT. Atualmente, reside em Sinop-MT. É mestre em Gestão e Auditoria Ambiental e especialista em Educação Ambiental e em EaD. É bióloga, palestrante e escritora, com doze obras publicadas e várias participações em coletâneas. É curadora para exposições e coordenadora de projetos em audiovisual. Membro da Academia Sinopense de Ciências e Letras. Recebeu duas "Moções de Aplauso" e a "Comenda Colonizador Ênio Pepino" da Casa Legislativa de Sinop, e o título de "Cidadã Mato-grossense" da Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso, pela contribuição das suas obras à leitura, à literatura e à cultura mato-grossense.

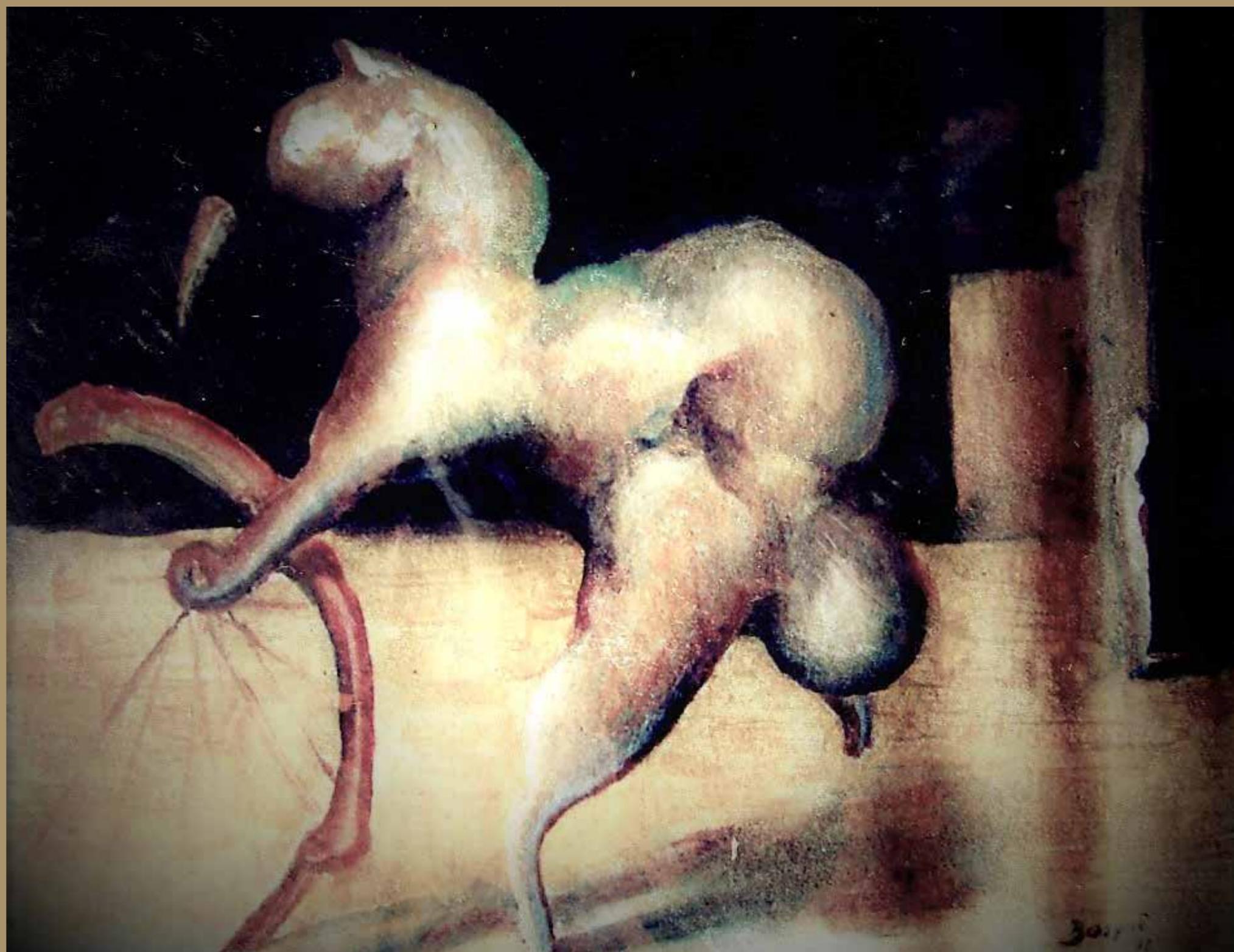


**Leonardo Cattoni**

Nasceu em 1980, na cidade de Curitiba/PR. Mora em Belo Horizonte onde atua como tradutor e professor de língua Inglesa. Desde pequeno, por conta dos pais, tem contato com livros que adornavam prateleiras e povoavam criados-mudos. Nunca publicou nada. Escrevia e escreve para si. Escreve, aliás, para não aprisionar o bicho selvagem que corre, caça e ruga nas veias, para não coagular o sangue da imaginação, para não adoecer a sanidade. Escreve para não enlouquecer.

## HÁ

há encontros depois  
de uma despedida,  
há partidas sem encontros,  
há lucidez na loucura,  
há sul na bússola  
que nos orienta,  
há norte que nos desnorteia,  
há gols sob vaias,  
há sentido na contramão,  
há ciência na religião,  
há Deus no não e  
no sim do ateu,  
há elegância na de-  
selegância ,  
há átomos para o crente,  
há inocência no culpado,  
há dor no prazer,  
há incêndio sem fumaça,  
há cumplicidade no silêncio,  
há choros de alegria,  
há também a euforia  
no desespero.  
há solidão no carnaval,  
há paz sem trégua,  
há recompensa pela derrota,  
há sempre vaga no coração  
lotado de desilusões,  
há sombra no iluminado,  
há sede diante do oceano,  
há luz dentro da ignorância,  
há nós sem você,  
há passeatas no cor-  
redor de casa,  
há o tremer no calor,  
há mar para o cego,  
há tortura no aconchego,  
há consolo no castigo,  
há sal no destempero,  
há esquerda para o destro,  
há baiano dentro da guerra,  
há retrocesso no progresso,  
há fome onde há sobrenome,  
há o ter onde posse não há,  
há onde não pode haver.  
há.





## GOTÍCULAS

Caiu a chuva do caju.  
 Veio no meio do dia,  
 Veio franzina  
 Veio menina...  
 Minúsculas gotas  
 De chuva garota.  
 Pouca gente viu  
 No face, chamaram de fake news.  
 Hoje caiu a chuva do caju.  
 Com toda fumaça  
 Com tanta queimada,  
 Nada impediu  
 A magia das gotículas  
 Que farão as flores do caju,  
 Abrir suas pétalas perfumes  
 Caiu a chuva do caju,  
 Não sei se gotas  
 Ou magia.  
 Em pleno meio-dia,  
 Acordando a esperança de umidade  
 Na cidade  
 E brotando em mim, a flor da poesia.



**Luciene Carvalho**  
 Escritora, poetisa e membro da Academia Mato-Grossense de Letras

## VESTÍGIOS

à flor da minha pele  
descamam pétalas ósseas.

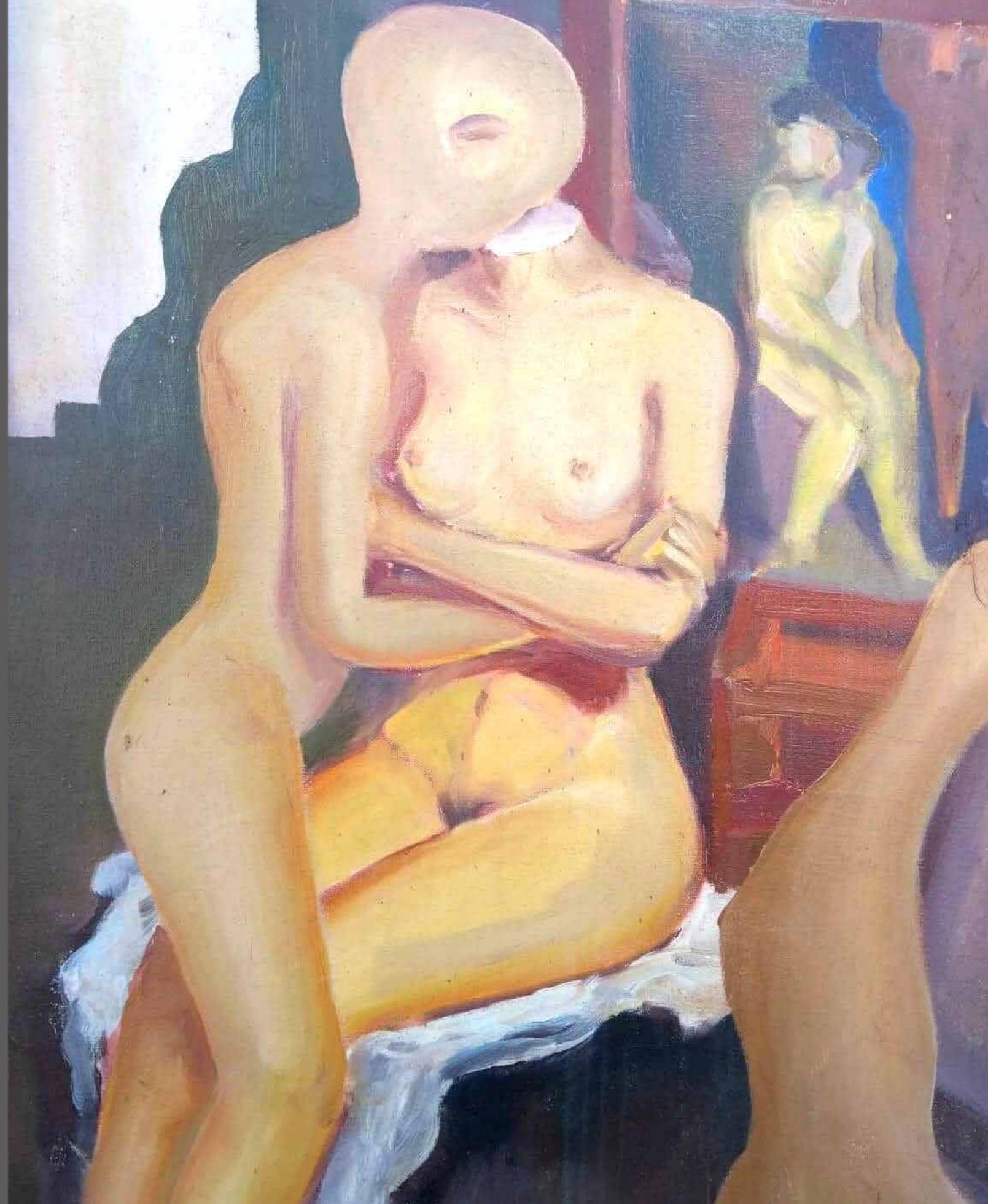
vê-las ali  
espetadas  
(minúsculas escamas brancas)  
é como tatear um recife de corais  
(exoesqueleto calcário)  
sob o sal das águas do meu tempo.

ao tocar a flor da minha pele  
minhas mãos deslizam  
em oceanos submersos  
e vez ou outra esbarram  
n'alguma pérola.



**Marli Walker**

É Doutora em Literatura (UnB). Leciona no IFMT e integra o Coletivo Maria Taquara - Mulherio das Letras/MT. Publicou os livros de poesia: *Pó de serra* (2006), *Águas de encantação* (2009) e *Apesar do amor* (2016), contemplado pelo edital do MEC para o PNLD (2018).





## CARÍCIA DE SETE PONTAS

(à Francis Petini)

Quando corro paralelo ao universo que criamos, percebo o tamanho dos mundos que nos une. Estrelas brincam de ciranda, bem felizes, quando lanços sorrisos largos, e com eles crio constelações de amor gigante.

Quando passo ao teu lado, e em ti jogo um olhar tímido, pois quero te ver para sempre, e grava-lo em minha retina, sem que percebas que me tornei um psicopata do amor, sei que ganho a simpatia de alcateias de pequenos cachorrinhos fofinhos de foto de rede social.

Amo-te o amor brega, aquele de verdade, que pensa que é pra sempre, que tem certeza que o amor existe, o amor bobo, leve, que quer sentar domingo final da tarde na varanda e te ver passar da sala pra cozinha.

Meu amor por ti corre do tesão ao mar, do carinho ao par, do querer ti em meu lar.

Meu amor por você constrói casa sem muralha, cozinha sem pia, cortina sem vaso, faz poesia torta na cabeça do seu, agora, velho psicopata.

Inveja o sol e seus raios, pois brilha mais. Inveja a lua e seus mares, pois ama mais.

Brinca de ser criança e namora como gente grande, só pra voltar a ser criança e ter a vida inteira pela frente, na certeza de te ver chegar à porta da casa nossa.

Meu amor por ti faz ciranda e ganha sorriso de bebê, cúmplice da nossa felicidade.

Faz gato pequeno miar baixinho, um miado que diz 'amor'.

Faz pai e mãe torcerem pela gente, e amigos e desconhecidos também, porque nosso amor escreva na cara da gente que ser feliz faz o mundo melhor, faz planta nascer, faz bicho correr em campo aberto, idoso dançar, carro parar, nuvem abrir, chuva chover, sol descer, frio abraçar e calor amansar.

Nosso amor faz tudo, me disse uma estrela

## POEMAS ENTRELAÇADOS DE UMA NATUREZA AUXESE

Sei que faculto durar  
dentro de uma árvore-passarinho  
quando estou livre-nu  
em campo inaugurado: meu peito.

Perplexo e franco, natureza folha-queimada, boto rosa choque,  
corro instantâneo, animoso e servil,  
como cobra que quer depositar veneno na corrente-sangue doutrem.

Pendurado no céu do boca do mundo,  
me encosto Nele, um atrevimento de rio que passa cansado;  
Enraizo, pois nuvem carregada de raios disse sim para mim;  
Um tanto de folhas ao cair, com sol ao fundo, peixe com escamas que brilham dia sim, dia não, noite afora, manhã adentro, formam imagem bonita para olhos secos.

Da natureza esquizofrênica que começa apoucada em algum posto do meu eu mais selvagem, e desaba do topo do vulcão que escondo na parte esquerda da minha razão, arranco um início constituído.

Progresso com uma qualidade mutante/doutrinada, me tornando hemisfério do que serei adiante, vigiando o passado se tornar momento, o futuro se aventurando em possibilidades.

Findo retirando cores do ar com as quais pinto minha passagem pela esfera armilar;  
um amiúde de furta-cor facilita a fuga de palavras que não quis rabiscar, e que tomam a liberdade de me biografar.

Ela, a natureza, que faz, por eternos segundos eternos, faz...o que ela faz por mim?

Já sei! Me obriga a ser aquilo que eles querem que eu seja: rio sem curva, deitado em chuva branda.

E, sem esquadro pra dar precisão ao texto-poema que sai da ponta dos meus dedos, e que não sabe se é lírico ou épico, e só é, continuo a fluir em paz, concórdio como bebê recém-nascido, confuso como uma psicose.



**Rodrigo Maciel Meloni**

Jornalista, ativista gay e estudioso da comunicação de massa, o escritor que já teve contos publicados em diversos blogs, sites mato-grossenses e nacionais, se aventura na publicação de seu livro de estreia: Coitado do homem cujos desejos dependem. Estudioso do underground cuiabano e aficionado pelas manifestações artísticas, já colaborou com diversos compositores de bandas do submundo cultural, assessorei festivais de cinema e exposições e colabora, sempre que pode, com a destruição do status quo.

# HIBISCOS

Dizem que a gente é o que a gente come  
Então por muito tempo fui flor,  
Flor de um vermelho intenso, da cor dos sonhos mais humildes.

Por muito tempo me alimentei das flores  
Que estavam no meio dos caminhos  
(Eu nunca conheci o deserto)  
O mundo estava coberto de flores  
As flores estavam em todos os lugares

Ia para escola, uma flor  
Voltava da escola, outra flor  
Ia brincar na praça, uma flor  
Voltava para casa, outra flor

Sempre  
Uma flor, outra flor

Os estudiosos as chamam de hibiscos  
Por muito tempo as chamei de alimento  
Alimento de um vermelho intenso, da cor dos sonhos mais humildes.

Com suas cristas apontando para o céu  
Eu sempre achei que queriam voar  
Quando as comia,  
Entendia esse prazer pelas alturas como uma forma de captar os instantes  
Onde se enxergam as pessoas em seus solitários guarda-chuvas.

Quando era criança  
Eu as despetalava, uma a uma  
Com as quais ia colorindo meu corpo,  
Com as quais ia emoldurando os meus dias  
De um vermelho intenso, da cor dos sonhos mais humildes.

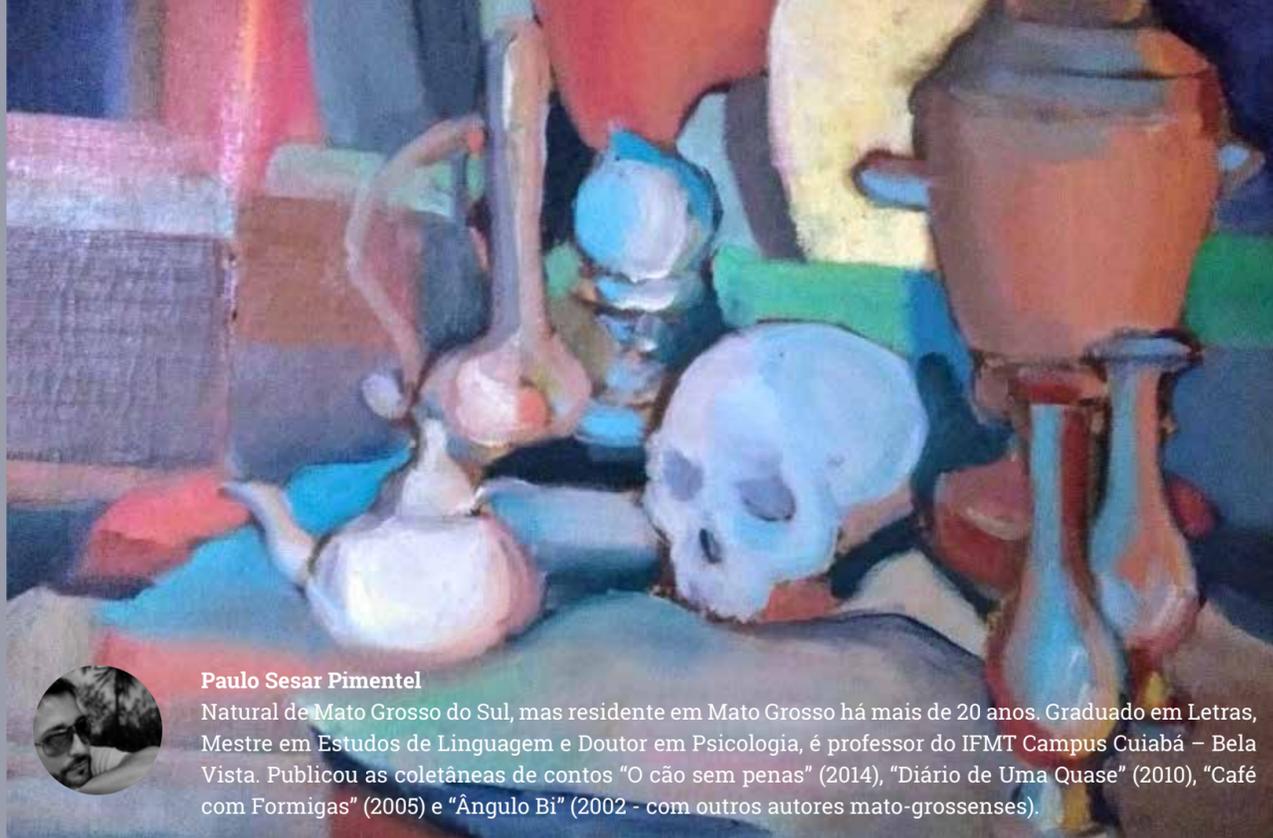
Hoje,  
Quando já alcancei os sonhos humildes,  
Quando já não sou flor  
Quando possuo o desejo pelo voo  
Eu sou poesia, de um azul marítimo,  
Da cor dos sonhos mais comuns.



## Pablo Rezende

É filho de dona Ilda, poeta e professor de Língua Portuguesa, Literatura e Redação da Rede Pública do Estado do Mato Grosso. É graduado em Letras – Português/Inglês pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e Mestrando em Estudos Literários pela Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT). É autor do livro *O dever e o haver*, publicado pela Literata, em 2011. Têm poemas publicados em várias antologias poéticas nacionais e internacionais.





**Paulo Sesar Pimentel**

Natural de Mato Grosso do Sul, mas residente em Mato Grosso há mais de 20 anos. Graduado em Letras, Mestre em Estudos de Linguagem e Doutor em Psicologia, é professor do IFMT Campus Cuiabá – Bela Vista. Publicou as coletâneas de contos “O cão sem penas” (2014), “Diário de Uma Quase” (2010), “Café com Formigas” (2005) e “Ângulo Bi” (2002 - com outros autores mato-grossenses).

## A VERDADEIRA DOR

Já fazia alguns dias que fora sequestrado. Não havia como precisar quantos. Estava fraco. Uma ração daquelas, por dia, quem se mantém em pé? Mesmo água, regradada. Fome de tudo. A liberdade é cara, mas tanta coisa boa que vem junto. Será cara a liberdade ou os seus acessórios? No final, pensando, a única coisa a se fazer no claustro, chegou à conclusão de que não sabia definir liberdade. Saber definir algo? Por mais que seu cérebro se esforçasse, algo escapava, talvez fosse a fome, a sede, o medo, a dor. Talvez apenas o contato cara a cara consigo mesmo, sem ninguém ver quase o dia todo. Sabia mesmo que queria cama, comida, água correndo pelos poros, água mineral descendo pela garganta, gelada, tomada em um copo de cristal, pois o ritual às vezes é mais importante que a necessidade. Pensava nos seios de Mocinha, tão em flor, a moça, tão em flor seu sexo, aberto ao mundo, escancarado às vontades babentas de um velho sátiro. A esposa em casa, gorda e vestida, ornamentada de joias, rica, por ele, há tantos anos, com a alma do primeiro milhão no dia anterior.

E agora preso. E agora sem nada que não vontades e carências. No fundo, ansiava pagassem o resgate e calassem a dor. Não, não a vergonha de ser tratado como bicho, porque mesmo a dignidade é uma vaidade supérflua. Dor mesmo, na carne, em feridas vermelhas, em cancrs abertos, em lascas de pele, em amputações. Aí a verdadeira dor. Todos os dias, eles vinham e cortavam um pedacinho dele. Começaram pelos dedos. Pensando bem, a julgar pelos pés, dez dias. Ao olhar para as mãos, primeiro a esquerda, depois a direita, mais três dias. Ao menos ele podia escolher. O pé, sapato cobre, o pé, sapato esconde. Ele tinha uma coleção de sapatos argentinos e italianos, caros, suficientes para aplacar a dor, que começa com os olhos. Na mão, mínimos e anulares não fazem tanta falta. Ao menos o anular esquerdo não carrega mais o compromisso e, talvez, à merda a patroa gorda, emperiquitada, enfeitada às turras pra esconder sua frustração. Quem sabe Mocinha, do subúrbio pra sociedade, do desconhecimento para as revistas da moda, tão linda, tão em flor, brilhando nas colunas sociais e despertando o desejo dos machos no cio da cidade. Dele. Minha. De mais ninguém. Só sair dali. As faltas se compensam com dinheiro. Defeito tem mesmo é pobre. Ele teria necessidades especiais. Isto o tornava até mais charmoso. Olha, aquele não é o empresário que foi sequestrado, torturado, passou dias no cativeiro, mas saiu de lá, ergueu-se das cinzas, tornou-se mais titã? Sim, é ele, e está charmoso, velho e charmoso, melhor, experiente e charmoso. Aqueles cabelos grisalhos cada vez mais brancos dão a ele, junto com a cintura, um ar de prosperidade e sabedoria que só quem viu a morte de cara tem. Quem viu a morte e ganhou dinheiro. Nessa hora, ele sorria, mesmo sentindo as hemorragias nas extremidades, mesmo sentindo a dificuldade em mover os músculos da face, inchados de tanta precaução dos bandidos. Mas vivo, prestes a viver com Mocinha, em flor, prestes a mandar uma esposa, árvore de natal o ano todo, sem presentes, ao inferno. Podia sentir a pele fresca, tão fresca, sorri pensando em uma peça rodrigueana, pensando que todas as mulheres deveriam estacionar nos quinze anos, na pele

macia, pós-espinhas, pré-rugas, recém-menstruadas, ainda com o doce da pureza a escorrer nas coxas brancas, nada de marcas de sol, nada de marcas de pecado ou desejo, corpos na areia, numa espécie de grande mercado de carnes, nada de marcas na alma, homens suados exercendo sua animalidade na flor. Uma moça, ainda com pudores, quanto mais, melhor. Com dedos rápidos, a afastar dedos rápidos, que se esgueiram por suas fendas, dedos ágeis que arrancam o prazer da moça, mesmo quando a boca grita não e a raça, o instinto, insiste no sim. Dor mesmo é perder isso. Dignidade é algo que se constrói quando os ventos são favoráveis. Não tocar Mocinha, seus quinze anos em flor, é matar a alma, é morrer em guerra, é sofrer o céu abandonado por Deus. Ah, ele perdera alguns dedos, perdera algo, perderia mais, talvez. Se aquela esposa desgraçada não pagasse o resgate, se aquela mulher horrorosa que ele pensara amar, um dia, na época dos cabelos negros naturalmente, não pagasse o valor pedido pelos bandidos... o que seria dele, dia a dia, na promessa dos bandidos, a perder partes do corpo, ora essa. Deus fora generoso com os homens, dera a eles pingentes e apêndices que, à frente do corpo, avançando à frente do corpo, ofereciam o mundo como conquista. Agora, na palavra dos sequestradores, ele tinha que escolher o que perder, como se seu corpo fosse a grande loteria da carne, e ele, a enfeitada mulher que gira o globo e retira as bolas, numeradas, dando a felicidade a algum desgraçado, a loteria da carne. Não, as bolas não, metáfora cruel para alguém naquela situação. Ele podia dizer que parte seria cortada e enviada à esposa, na tentativa de convencer a megera de que era séria a ameaça. Esqueirando-se em sua mente, de repente, começou a surgir uma certeza, um medo, uma consciência. E se? Tremia e, sentindo o corpo chacoalhar, sabia que mais sangue seu vermelhava aquele chão imundo. Ele, um prócer daquela cidade, daquele estado, tão respeitado, tão admirado, tão amado. Ao menos por Mocinha, em flor, que lhe pagava os confortos físicos com braços quentes e envolventes, dóceis e ágeis, como a língua dele, como a língua dela. Ah, perder o paraíso. Perder a árvore do bem e do mal que a menina de quinze anos traz ainda entre as pernas. Caso passem os quinze anos, a fruta apodrece, se ela for colhida aos quinze, desgraçados os que tentarem naquela árvore saciar a fome. Um sátiro. Um safado. Com tanto medo. Os libidinosos, os viciados, os dependentes, toda corja repleta de pecados, tem algo além a que se apegar, sentem mais.

Eles entraram falando entre si. O homem se encolheu. Nova parte, novas perdas. A mulher, matrona safada e enfeitada, sentada no sofá de couro tratado, branco que doía as vistas, com a mesa de carvalho à frente, com uma jarra de cristal cheia de suco natural recém-batido, adoçado com leite condensado, calorias em lata para pelancas em corpo, estalando os beiços pintados, pendidos pela última aplicação de polímero, grandes e gordos, combinando com os seios, com a cintura, com a alma, com a mesquinhez. As amigas ao redor, ar choroso da esposa, leitoa de natal com uma maçã na boca, chorando não ter como pagar o resgate. E tinha. Tanto dinheiro, ela sabia onde estava, tudo, quase tudo, o suficiente pra pagar pela vida dele, que dera uma vida a ela, páginas e páginas de revistas de fofoca, a madame, viagens para Europa, fim de semana na casa de praia, na casa de campo, vadia gorda. Dor mesmo é aguentar aquela mulher por tanto tempo. Mesmo sem Mocinha, mesmo sem a flor, tantos jardins a se visitar, tantos parques com plantas exóticas que pedem pra ser conhecidas, e a boa e velha instituição, o medo de ser mal falado num casamento ferrado. Mesmo infundado, dor mesmo era continuar naquele barco. Agora sabia, mas talvez não resolvesse esse problema. A mulher, talvez, não pagaria.

“Então, o que você escolhe perder agora?”

Já não podia assumir um casamento, agora não poderia assumir um noivado. Com uma dor lancinante, a faca devia estar cega, ou havia prazer na coleta da prova, ele sorriu. Agora, as instituições eram impossíveis, fisicamente impossíveis, meu amor, pensou em dizer à Mocinha, levantando uma taça, alisando a toalha de linho da mesa. Pra mim, alianças só na palavra. Sorriu, abertamente, e parecia o riso um esgar. Tão distante Mocinha, em flor, tão distante a mesa cara, elegante, tão distante seus dedos restantes no meio das pernas da moça, Mocinha, em flor. Levou um tapa na cara, dedos espalmados do bandido, os cinco no rosto, apenas três em cada mão, os próprios. Não teve tempo de explicar que o riso vinha da ironia. Talvez também houvesse a necessidade de explicar o que é ironia. Caído no chão, dormiu, desmaiou, apagou, que diferença faz?

Escuro no claustro. Deve ser noite. Sombras opacas ainda permitem alguma visão. O toco de hoje ainda sangra, dói. Não há humilhação. Não há sonhos com Mocinha, não há flores. Fecha os olhos e vê a patroa. Roncando alto, afogando em banhas uma respiração difícil, dispneia e baba, lençóis egípcios, oitocentos fios de linho puro, alvo, branco, claro, nevoento. O famoso sono dos justos. A leitoa que carrega no anular seu nome, carrega na bolsa sua conta, carrega na cabeça suas senhas, carrega no pescoço seus ouros, carrega nas costas sua vida, mais magra, muito magra agora, tantos dedos, quatorze, perdidos. Ela não pagará. Nada, nem um centavo para esses marginais, uma hora dessas, meu marido já deve estar morto, consciência em paz, não há nada a fazer, ninguém sobrevive a tantos dedos na vida. No tempo presente, ela dorme na paz do impossível, na paz da impossibilidade, na paz do outro. Ele agoniza, marido cativo, e pensa no que sobra pra cortar, pensa no que sobra pra perder, pensa no que pode ganhar e a balança pende contrária à lógica. Ele chora e nas lágrimas ainda abundantes, descobre o que é dor, dor mesmo, e percebe que elas são tantas que nem tem dedos, mais, pra contar.

**Rafael Morais**

Nascido e criado em Itiquira - MT, graduando em Psicologia pela UFMT e apaixonado pelo poder transgressor e transformador das estéticas. Meio poeta, meio filósofo, procura sempre explorar as infinitas possibilidades do inacabado por meio da constante metamorfose da arte. Entusiasta da escrita, da música e do cinema, também se arrisca no teatro e na dança. Acredita no poder das colaborações e no encontro das alteridades.

## FERA-POETA, ENJAULADA PELAS PRISÕES SOCIAIS DE UMA CIDADE DO INTERIOR

dentro de mim existe uma fera  
presa numa jaula  
aguardando para ser libertada  
de sua prisão monocromática  
quadrática, matemática, racional  
tal fera compõe canções  
tecendo cada verso como se fosse o último  
dentro de sua prisão  
borda cada traço de suas obras  
usa como passatempo o tricotar palavras  
para amenizar o fardo da privação de liberdade  
vez em quando, acha uma fresta de luz  
que entra pela garganta usada para cantar  
agarra-se nela e usa-a como cobertor  
aconchega-se em dores de um amor já partido  
acolhe-se num suéter de melancolia  
ali, esquecida, expande-se em meu peito  
transcendendo os limites de sua prisão  
sussurra em meu ouvido esquerdo  
do lado do coração  
sussurra amores lembrados de outras épocas  
amores que já foram e outros que não de ser  
sussurra dores inexprimíveis  
daquelas que não existe palavra para descrever  
a fera grita alegrias e esperanças  
vislumbres de liberdade e solitude  
poema poesias já esquecidas  
e há tempos não sentidas  
traça um rosto triste numa folha em branco

intitula sua obra anônima: ao mundo e a mim  
certa vez, a fera sussurrou-me  
uma ode de vidas passadas  
esqueci-me desta  
mas ainda sinto seu gosto vermelho em minha boca  
a fera inspira-me em seus momentos de liberdade  
entristeço-me em seus momentos de prisão  
desejando libertar-lhe de seus grilhões imaginários  
mas a fera prende-se por vontade própria  
e liberta-se como no desabro-  
char de uma flor noturna  
sinto em minha linha destínica um ponto-clímax  
um momento em que a fera se li-  
bertará definitivamente  
a prisão imaginária se tornará material  
só para ser quebrada por minhas mãos  
meu universo fluídico  
será expelido pelas pontas de meus dedos vasculares  
extravasarei a fera  
libertarei poesias tão lindas quanto um erro  
escritas na prisão, e guardadas por tanto tempo  
que já envelhecidas, emocionarão o novo  
minha linha vital finalizará sua transição  
a fera se exteriorizará em mim  
serei fera  
e não mais voltarei ao estado de carcerário  
desse tão admirável ser  
ser que sou  
serei fera, e fera morrerei.

## GRAVITAÇÕES AZUIS

muito além de um lampejo,  
são eternas  
estas inesperadas flamas...  
– este mergulho  
azul  
com aroma de silêncio.

e sempre exerço  
esta pira de seivas pendoadas  
que me faz esquecer  
dos dilemas do cotidiano  
e da urgência hermética  
dos organogramas  
– contemplo o essencial.

e aqueço-me  
na leveza dos gorjeios alados  
que adornam  
o meu matinal olhar  
com o graveto do ninho  
daquele pássaro cor de céu...



### Rubenio Marcelo

É poeta, compositor e crítico, membro efetivo e atual secretário-geral da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (Cadeira nº 35) e membro correspondente da Academia Mato-Grossense de Letras. Autor de 12 livros publicados e 3 CDs. Recentemente, lançou o livro "Palavras em Plenitude – prosa e crítica cultural", e o CD musical "Parcerias: na poética de Rubenio Marcelo". É um dos autores homenageados no livro "Vozes da Literatura" (FCMS), reunião de autores contemporâneos. Também advogado e revisor, reside em Campo Grande/MS.

## ESPELHO

ah  
este espelho reflete-me em cada traço  
cada gesto  
cada cor

na sala, no quarto, no banheiro...  
ei-lo sisudo  
a  
mostrar-me  
o semblante

de cada dor.

há  
uma dor que me reflete em cada espelho  
cada sestro  
sem compasso

na sanha da refrega, trafega  
sobre tudo  
a  
prostrar-me  
invigilante

em cada passo.



## O DESGUARDADOR DE DORES

I.  
em suas retinas  
as imagens imóveis não codificam  
as ânsias que lhe habitam...  
e não pela vez primeira  
um sorriso urgente molda-lhe o semblante  
adolescendo as esperas  
e contemplando o segredo das auroras...

II.  
quais mármore espedaçados  
suas palavras pedem o gume do vazio  
pois os organogramas das manhãs  
já diluíram o faro das suas reminiscências...  
e mais uma vez os sabiás de voos dourados  
que lhe gorjeiam e apontam o sol  
desatestam o óbito do devenir

III.  
sem surpresas  
cortando o pulso das horas

lateja em sua fronte  
a mesquinhez acrobática do cotidiano...  
e novamente amadurece em seu olhar  
o néctar que reinventa os jardins  
que colorem os colibris do sonho

IV.  
a flor negra na lapela do tempo  
espreita os seus passos matinais  
enquanto os arranha-céus da solidão  
ocultam o sorriso dos flamboyants...  
e salvaguardando-se com silêncios  
ele grita a liberdade  
sempre assim...

V.  
e assim ele segue  
sempre  
e sempre  
aguardando andores  
desguardando dores...

## HALUHALUNEKISU, A ÁRVORE DO SABER



**Anna Maria Ribeiro Costa**

É doutora em História pela UFPE e Professora do Univag. Chegou às terras do povo indígena Nambiquara na Primavera de 1982. Dos índios recebeu o nome Alusu, por conta de seus hábitos alimentares. Nessas terras, conheceu José Eduardo, com quem tem dois filhos: Theo e Loyuá. Vem se dedicando aos estudos sobre os povos indígenas de Mato Grosso, com especial atenção ao Nambiquara.

## VOZES DOS ANIMAIS

Para o povo indígena Nambiquara, habitante de terras indígenas localizadas ao Oeste de Mato Grosso, a diversidade das línguas encontra-se registrada nas páginas de sua mitologia, guardadas nas memórias de gentes velhas. O rosto, a casa da memória *sxiyensu* (*sxi* = casa; *yensu* = rosto) é concebido como uma evocação ao tempo pretérito da narrativa mítica, de modo que todas as pessoas, com seus modos de viver, incorporam seu saber, sentir e pensar ao território onde habitam. Na cabeça, *nekisu*, representada na mitologia por uma cabaça, está a possibilidade do uso da linguagem para a comunicação entre as pessoas.

Não é espantoso para os indígenas da etnia Nambiquara que existem muitas línguas faladas por povos indígenas ou não. Isso porque associam aos diversos sons emitidos pelas aves, mamíferos, répteis, insetos. Essa crença vem de tempos longínquos, quando uma mulher velha ensinou a dois jovens o modo de comunicação das aves e dos mamíferos, todas guardadas na cabaça-memória.

Esses moços, depois de fazerem suas flechas e facas afiadas de lascas de bambu, chamaram a mulher que entendia a língua dos animais para ir caçar com eles. No caminho, encontraram uma perdiz e uma seriema. Pediram para a mulher velha, que com dificuldade conseguia acompanhá-los, imitar o canto da ave perdiz. E sem dificuldade alguma, conversou com a ave: *aluterali... aluterali...*

Depois de abaterem muitas perdizes, os moços pediram para que a mulher conversasse com a seriema, bem próxima deles. E a mulher conversou com a ave: *Tala... tala...* Os três voltaram para a aldeia com seus cestos-cargueiros às costas, com o peso das aves abatidas.

Até hoje, desde pequenas, graças à sabedora da mulher velha, crianças indígenas aprendem a identificar as vozes das aves, dos animais, dos répteis, dos insetos, como também seus costumes. Dos animais que habitam sua região, tudo sabem.

## EDITAL

O Concurso Literário Pixé é uma iniciativa privada construída a partir da parceria entre a Revista Literária Pixé ([www.revistapixe.com.br](http://www.revistapixe.com.br)) e a Editora Carlini e Caniato ([www.editoracarliniecaniato.com.br](http://www.editoracarliniecaniato.com.br)), sem qualquer vínculo público. O objetivo inicial é a visibilidade de novos talentos na literatura mato-grossense, possibilitando a reunião, revisão e edição de textos reunidos em 1 livro a ser lançado nos sites oficiais da Revista Literária Pixé e da Editora Carlini e Caniato.

O Prêmio Pixé de Literatura é uma iniciativa privada construída a partir da parceria entre a Revista Literária Pixé ([www.revistapixe.com.br](http://www.revistapixe.com.br)) e a Editora Carlini e Caniato (<https://carliniecaniato.com.br>), sem qualquer vínculo público. O objetivo é a visibilidade de novos talentos na literatura mato-grossense, possibilitando a reunião, revisão e edição de textos reunidos em 1 livro a ser lançado no site oficial da Revista Literária Pixé.

1 – As inscrições vão do dia 09 de julho ao dia 23 de outubro de 2019, valendo a data da postagem nos correios. Podem concorrer todos os(as) candidatos(as) que não tenham livros autorais publicados na categoria em que concorram, mato-grossenses de nascimento ou quem comprove residir em Mato Grosso no momento da inscrição. Para efeito de encerramento de inscrições, os organizadores esperarão até o dia 01 de novembro eventuais envelopes retardatários, atrasados e/ou eventualmente extraviados.

2 – O Concurso Pixé de Literatura está dividido em duas fases: a 1ª é a habilitação preliminar e a 2ª, o exame de mérito. Cada candidato(a) deverá enviar por correio à Rua Estevão de Mendonça, 1.650, Morada do Sol, Cuiabá-MT, CEP 78043-405, 1 (hum) envelope grande escrito por fora CONCURSO PIXÉ DE LITERATURA, contendo outros 2 (dois) envelopes menores. Eventuais retificações no presente edital, alterações de calendário por força maior, e todas as demais informações serão publicadas exclusivamente no site da Revista Literária Pixé e da Editora Carlini e Caniato.

3 – A fim de promover a habilitação preliminar, no 1º envelope o(a) candidato(a) deverá escrever por fora HABILITAÇÃO DO CANDIDATO, contendo somente: cópia de documento de identidade com foto caso mato-grossense de nascimento. Caso o(a) candidato(a) não tenha nascido em Mato Grosso, deverá mandar comprovante de residência ou carteira de motorista, a fim de comprovar suficientemente a residência atual.

4 – O(a) candidato(a) enviará também neste mesmo 1º envelope: uma folha A4, o nome completo, o CPF, o telefone, o e-mail, endereço completo e o codinome usado no texto literário. Indicará, ainda, na mesma folha: os dados bancários completos para o depósito do prêmio, seja pessoal, seja de terceiros.

5 – No 2º envelope, o(a) candidato(a) deverá escrever por fora TEXTO LITERÁRIO e remeter como conteúdo o texto literário em prosa ou poesia, indicando na autoria somente o codinome, a fim de evitar qualquer identificação à comissão julgadora.

6 – O texto em prosa (conto, crônica ou croniconto) deverá estar digitado em letra Times New Roman, fonte 12, espaço simples, tabulação padrão do Word Office, em até 5 (cinco) laudas. O texto em poesia deverá estar no mesmo formato citado anteriormente, com até 2 laudas.

7 – Serão selecionados 10 textos em prosa, sendo os 3 (três) primeiros lugares apontados como vencedores e 10 (dez) textos em poesia, sendo os 3 (três) primeiros lugares apontados como vencedores. Caso a organização descubra concomitante ou supervenientemente qualquer publicação de livro autorial impresso ou on-line por parte do candidato(a) até a data do encerramento das inscrições, será este(a) sumariamente eliminado(a), inclusive da classificação e da premiação.

8 – Os textos selecionados como vencedores estarão devidamente destacados pelo Editorial do livro produzido e os 6 (seis) autores(as) vitoriosos(as) serão remunerados(as) em R\$ 1.000,00 (hum mil reais) cada, perfazendo a premiação total do PRÊMIO PIXÉ DE LITERATURA em R\$ 6.000,00 (seis mil reais).

9 – Todo o projeto gráfico, diagramação e revisão ficará a cargo da Editora Carlini e Caniato, a partir da seleção realizada pela comissão julgadora. O resultado será divulgado no site oficial da Revista Literária Pixé e na respectiva fanpage [www.facebook.com/revistapixe](http://www.facebook.com/revistapixe) no dia 02 de dezembro de 2019 até às 18h e da mesma forma no site oficial da Editora Carlini e Caniato e na respectiva fanpage [www.facebook.com/editoracarliniecaniato](http://www.facebook.com/editoracarliniecaniato).

10 – O livro será lançado num prazo máximo de 120 (cento e vinte) dias depois de divulgado o resultado e será integralmente disponibilizado, sem custos, em modelo PDF para download ao público visitante da publicação virtual. Os organizadores selecionarão artista plástico para ilustrar a publicação.

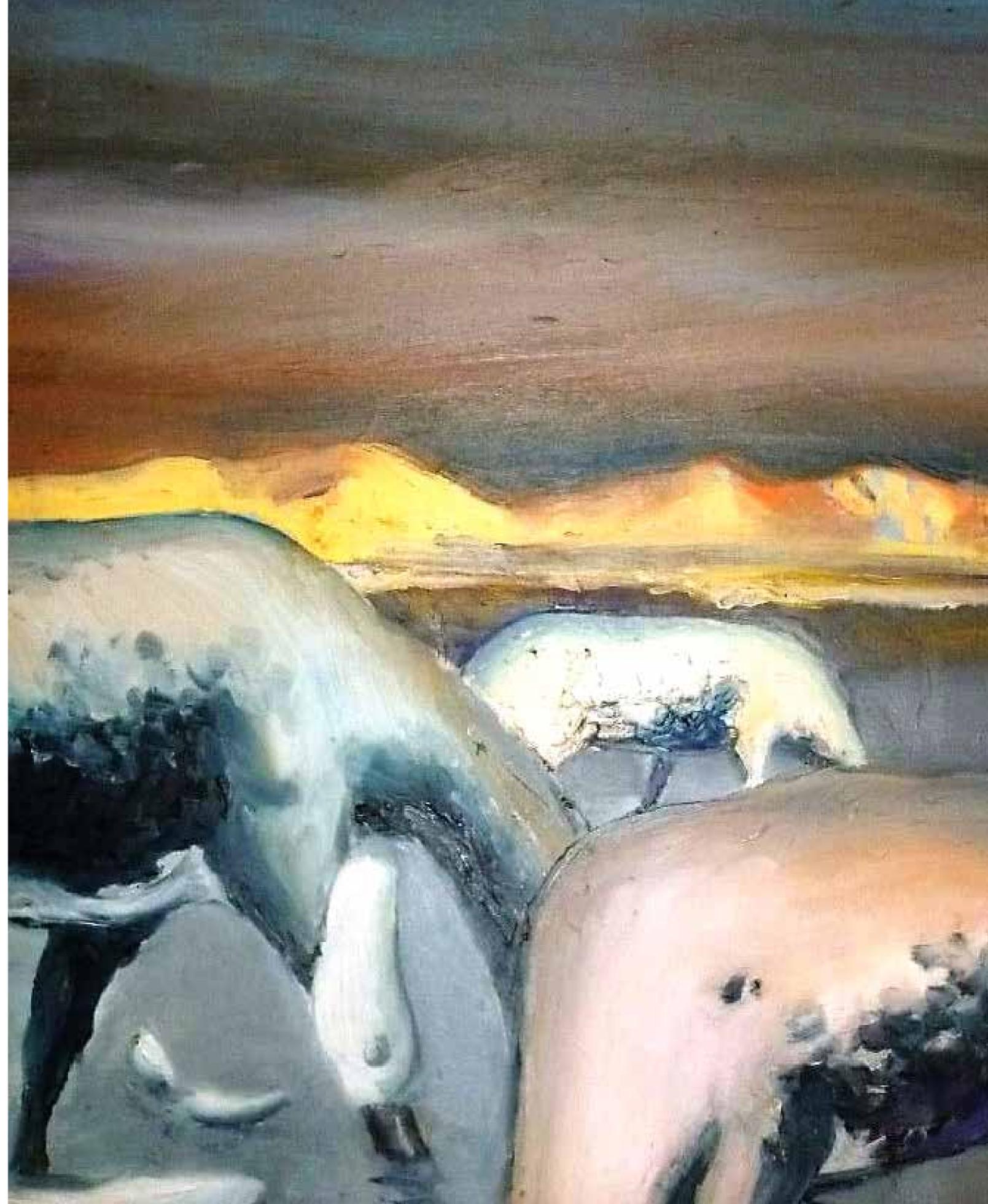
11 – O pagamento do prêmio dar-se-á no mesmo dia da divulgação do resultado por meio de depósito bancário direto. Os organizadores não se responsabilizam face ao erro de informação dos dados bancários fornecidos na inscrição.

12 – Todos os casos referentes à habilitação ou eventuais situações não previstas por este edital serão resolvidos unilateralmente e de forma irrecorrível pelo Editor-Geral da Revista Literária Pixé em conjunto com os Editores da Carlini e Caniato. O julgamento de mérito ficará sob responsabilidade de 3 (três) convidados com ampla experiência em literatura brasileira cujos nomes serão divulgados com o resultado.

13 – Os(as) autores(as) que aderirem ao presente chamamento declaram o expresse conhecimento e a concordância com a publicação do texto, doando todos os direitos autorais sobre o mesmo e não poderão reclamar quaisquer valores financeiros ou reservas legais na divulgação, editoração e publicação, mesmo que seja ela futuramente lançada em meio impresso tradicional e/ou usada de outras formas pelos proponentes do concurso.

14 – A Revista Literária Pixé reserva-se no direito de usar a fotografia de todos(as) os(as) candidatos(as) selecionados(as) na divulgação do resultado, assim como publicar em parceria com a Editora Carlini e Caniato os textos em prosa ou poesia no próprio corpo de uma de suas edições ou em uma edição especial, independentemente de cronologia ou de colocação, de acordo com a conveniência editorial do periódico e/ou da editora.

Cuiabá-MT, 09 de julho de 2019.  
Pixé Revista Literária e Calini & Caniato





# PIÉ

REVISTA LITERÁRIA